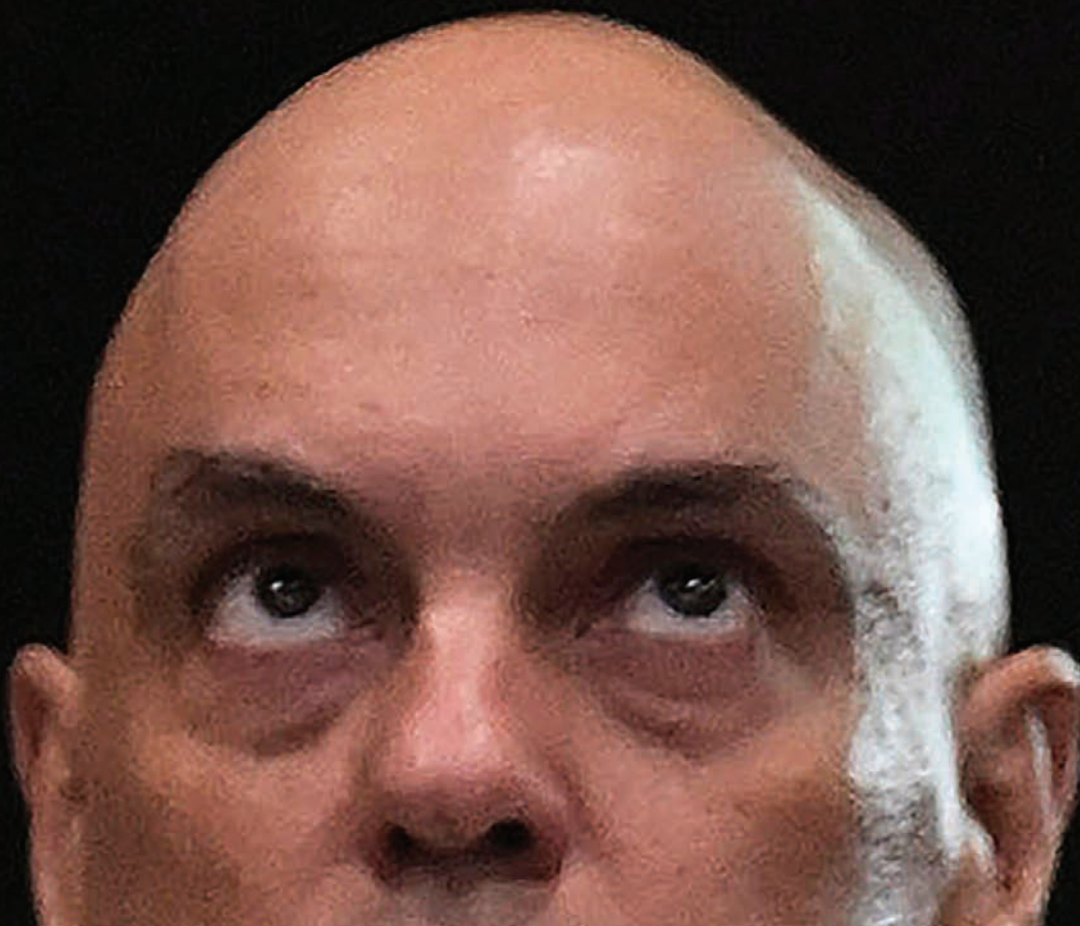
21 AGO/2024 - ANO 47 - Nº 2845 R$ 28,00
9 770104 394008 02845

O alvo preferido dos Bolsonaristas

Em ação que revela **ignorância do poder de polícia do TSE** e de sua competência para fazer relatórios sobre atos ilícitos, a **direita radical no Congresso investe novamente contra Alexandre de Moraes** com acusações de que teria adotado **"formas não oficiais e heterodoxas"** ao recorrer ao tribunal eleitoral para **obter informações sobre Bolsonaro, aliados e familiares.** É um misto grotesco de desconhecimento e apelação. **Agora trabalham mais uma vez por um impeachment**

Clube de Revistas
Dicas de ouro
Bradesco
para não cair
em cilada.
BLOQUEADO
Perdeu seu cartão de crédito?
Bloqueie no app Bradesco.
Achou? Desbloqueie.

JBS é eleita a melhor empresa setor de alimentos e bebidas pelo 3º ano consecutivo

Gilberto Tomazoni: recebeu o prêmio individual de melhor CEO

Guilherme Cavalcanti recebeu o prêmio de melhor CFO

Christiane Assis, diretora de Relações com Investidores, conquistou o 1º lugar na categoria (SellSide).

Fotos: Divulgação

Companhia soma prêmios de melhores CEO, CFO e programa de RI da América Latina em ranking da Institutional Investor. E, pelo segundo ano, o título de melhor Conselho de Administração

Pelo terceiro ano consecutivo, a JBS lidera as principais categorias do prêmio da revista Institutional Investor, uma das mais respeitadas do mercado financeiro. A publicação elegeu os executivos da Companhia como os melhores CEO e CFO do setor de alimentos e bebidas da América Latina em 2024. A empresa também foi eleita “Most Honored”, que considera todos os setores de atuação analisados pela revista. Na categoria alimentos e bebidas, ocupa a primeira posição. Além disso, as equipes de Relações com Investidores e o Conselho de Administração da JBS conquistaram o primeiro lugar da premiação para o setor.

O prêmio individual de melhor CEO foi dado a Gilberto Tomazoni, enquanto Guilherme Cavalcanti recebeu o de melhor CFO. Ambos mantiveram a liderança alcançada em 2022 e 2023. O mesmo ocorreu na categoria Melhor Programa de RI, que ficou novamente com a JBS. A empresa conquistou ainda o reconhecimento de melhor time de relações com investidores do setor na América Latina pelo 4º ano consecutivo.

“Receber a mais alta distinção da premiação anual da Institutional Investor reforça nosso compromisso diário com a excelência”, afirma Gilberto Tomazoni. Para ele, a premiação é um importante reconhecimento do sucesso da estratégia da JBS de oferecer value e growth a seus investidores. “Nos últimos 5 anos, a Companhia deu um retorno médio total aos acionistas de 25% a.a. em reais e 17% a.a. em dólares”, completa.

Os rankings da revista Institutional Investor são elaborados a partir de votação pública, da qual participam mais de 1.1000 profissionais de instituições financeiras globais. “O resultado reforça a consistência do trabalho do relacionamento da JBS com o mercado de capitais”, avalia Guilherme Cavalcanti.

A JBS foi destaque em oito categorias no total. Além de melhores CEO, CFO e Programa de RI, a diretora de Relações com Investidores Christiane Assis conquistou o 1º lugar na categoria (SellSide). O período de votação da edição de 2024 foi de maio a agosto, pelo portal da revista. A premiação será entregue em um jantar em 05 de setembro, em Nova York, cidade-sede da Institutional Investor. ■

Editorial

Carlos José Marques, *diretor editorial*

VENEZUELA ROGAI POR NÓS

Que os apelos e orações de um povo tão sofrido, tolhido e invadido nos seus direitos civis mais elementares alcancem também os ouvidos do demiurgo de Garanhuns, o impoluto Lula, que flerta com o regime autocrático e deplorável do ditador Nicolás Maduro, aquele que usurpou na cara dura e na mão leve o sistema eleitoral do seu país, fraudou o resultado das urnas e escamoteou a contagem de votos para se garantir perpetuamente no poder. A quem recorre a esse pendor e prática golpista é costumeiro que se atribua o neologismo de ditador. O faceiro caudilho dos trópicos latinos, Maduro, é mais que isso. Extrapolou. Sua crueldade e sina diabólica têm gerado mortes, perseguições, prisões arbitrárias. Ele soube manipular mais uma vez o sistema local, à revelia dos protestos internacionais. E, nenhuma surpresa, Lula, o brasileiro que avidamente defende a democracia e o legítimo processo de escolha, aquiesceu, colocou a mão na cabeça do colega, dando quase a sua benção ou, no mínimo, demonstrando descaso com a bandalheira ali praticada. Nem dá para acreditar! O que isso representa? Para além da vergonha diplomática brasileira em escala global, uma demonstração inequívoca de que o nosso chefe de Estado é adepto da ideia dos dois pesos e duas medidas, pregando o princípio do "aos amigos tudo, aos inimigos a força da lei". Lula enxovalha a reputação nacional, além da própria narrativa e reputação. A lorota de se apegar a atas de contagem dos votos – que nunca vieram e que podem ser facilmente manipuladas – evidencia o quanto constrangido ele está em defender o indefensável. Já passou da hora da verdade. Lula não tem mais como se apegar a pretextos e seguir indefinidamente na base dos contorcionismos verbais, ignorando o inominável esbulho venezuelano para sustentar a simpatia indisfarçável que nutre pelo regime bolivariano impregnado como praga na região. Foi além da conta. A celebrada vitória de Maduro é um embuste a olhos vistos, sem álibi ou esteio no terreno das verdades. Por conta disso, Lula chafurda, afunda em meio à confusão. Curiosamente mostra-se leniente com Maduro enquanto dá piti diante de outro histórico aliado, não por acaso protagonista da ditadura sandinista na Nicarágua, Daniel Ortega. Chegou a expulsar a embaixadora em resposta à atitude semelhante desse colega ideológico. Erra e perde em ambos os tabuleiros e confunde o mundo quando deveria se apresentar como um consciente defensor das liberdades. Onde foi parar o "Lulinha paz e amor" de outrora? O recado aos tiranos Maduro e Ortega deveriam ser firmes, claros, sem meias palavras ou atos. O Brasil está diminuindo de tamanho e relevância com comportamentos titubeantes assim. Não é mais ouvido, levado a sério, respeitado. Bem que o francês Emmanuel Macron e o norte-americano Joe Biden chegaram a pegar o telefone para alertá-lo da importância de sua condução eloquente a favor dos princípios democráticos. Mas pouco ou nada valeu. Falta muito de pragmatismo e sinalização correta do Itamaraty nesse sentido. O comportamento do conselheiro em relações exteriores, ex-ministro Celso Amorim, nesse caso é um exemplo e foi, no mínimo, claudicante, elogiando desde o primeiro instante a contagem das urnas na Venezuela, classificando-a de condução limpa, transparente e ágil. Pegou mal, muito mal. O Brasil não está conseguindo navegar com equilíbrio no mar revolto das rivalidades geopolíticas. Tem sido estabanado nas escolhas, nos posicionamentos e propósitos. O surpreendente é que Lula sempre se apresentou como alguém que professa pela cartilha da defesa dos pobres e oprimidos. Por que não lançar esse olhar benevolente também sobre os castigados hermanos venezuelanos? Tenha piedade, compaixão ante o trauma que enfrentam, causado basicamente por ninguém menos que o seu parceiro de trajetória política. Entre os brasileiros, dada provavelmente à conscientização gerada por episódios recentes de ataques à República, a resposta a uma pesquisa na capital paulista apontou que 79% enxergaram fraude no escrutínio venezuelano. Uma quase totalidade de opiniões, posição esmagadoramente majoritária que deveria ter algum peso. Hoje, a esperança de que a realidade mude por lá está pendurada numa negociação conduzida pelos EUA que acenam com anistia a Maduro caso ele abdique do poder. Remotas as chances, ainda mais com o aparato militar a seu favor. Lula, caso quisesse, poderia tocar mais fundo e certeiro no coração e alma do déspota opressor, mas prefere tergiversar e cozinhar o drama dos vizinhos. Sua aura de semideus de combalidos e abandonados vai perdendo força. Míope estratégia que adotou. ■

FOTO: EVARISTO SA/AFP

Sumário

Nº 2845 – 21 de agosto de 2024
ISTOE.COM.BR

CAPA Em uma junção de ignorância com oportunismo, a extrema direita tenta desqualificar aquele que legalmente frustrou os planos bolsonaristas de golpe de Estado: Alexandre de Moraes. Acusam-no de ilicitude ao produzir provas no TSE e apostam no caos da desinformação. Os acusadores esquecem que o tribunal eleitoral tem poder de polícia e que os procedimentos tiveram aval da PGR

BRASIL A Justiça Federal revoga liminar que impedia a Comissão de Ética Pública da Presidência da República de investigar o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto. Será apurada sua eventual ligação com contas bancárias e investimentos em paraísos fiscais

INTERNACIONAL A expulsão do embaixador brasileiro na Nicarágua Breno Dias da Costa, que acatando recomendação do Itamaraty não compareceu a uma cerimônia de celebração do regime sandinista, expõe mais uma arbitrariedade do ditador Daniel Ortega

CULTURA Livro conta a trajetória profissional de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, que foi um dos homens mais poderosos do Brasil na área das comunicações. A obra mostra desde seus primeiros trabalhados em rádio até a chegada ao alto escalão da Rede Globo

FOTO CAPA: DOUGLAS MAGNO/AFP
FOTOS EDITORIAIS: ERALDO PERES/AP PHOTO; FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL; PEDRO RANCES MATTEY/ANADOLU/AFP; CRISTINA GRANATO/DIVULGAÇÃO

LF SAFRA IPCA+

Acima da inflação, melhor que o Tesouro. **Com a excelência Safra.**

Na LF Safra, você pode alcançar uma rentabilidade **acima dos títulos do Tesouro IPCA+**, sem a cobrança de taxa de custódia e com a possibilidade de rendimentos semestrais.

LETRA FINANCEIRA SAFRA IPCA+

Como opção de renda fixa atrelada à inflação, a LF Safra IPCA+ é ideal para diversificar o seu portfólio, **proteger seu poder de compra e ainda gerar ganho real** com menor tributação do IR.

Esta mensagem não se trata de material publicitário, nem material de apoio, tem conteúdo meramente informativo, não devendo, portanto, ser interpretada como um texto, consultoria de investimento, relatório de acompanhamento, estudo ou análise sobre valores mobiliários específicos ou sobre emissores de valores mobiliários determinados que possam auxiliar ou influenciar investidores no processo de tomada de decisão de investimento. Os instrumentos aqui mencionados podem não ser adequados a todos os investidores. As informações ora apresentadas não são precisas ou completas, e não devem servir de base exclusiva para qualquer tomada de decisão de investimento, razão pela qual o Grupo J. Safra aconselha fortemente que o investidor faça uma avaliação independente sobre as operações, levando em consideração sua capacidade financeira e seus objetivos pessoais, principalmente acerca dos possíveis riscos e benefícios que possam decorrer das operações, sem prejuízo de futura análise de adequação do produto ao perfil do cliente a ser, eventualmente, efetuada pelo Grupo J. Safra. O Grupo J. Safra não será responsável por perdas diretas, indiretas ou lucros cessantes decorrentes da utilização desta mensagem

por Felipe Machado

Editor de Cultura de ISTOÉ

A EXTREMA DIREITA ESTRAGA ATÉ PARIS

Tem gente que acha bobagem, mas acredito que poucas coisas são tão espetaculares como uma Olimpíada. O mundo inteiro se reúne para disputar, de maneira pacífica, quem é o melhor. Não é pouca coisa.

É difícil ver toda essa agitação e não lembrar da minha cobertura dos Jogos de Pequim, em 2008, quando passei um mês viajando pela China. Tive a oportunidade de presenciar disputas históricas. No tênis, vi Roger Federer, Rafael Nadal e Serena Williams. No atletismo, assisti à lenda Usain Bolt bater o recorde mundial e fazer o "raio" com os braços. Nos esportes coletivos, estava no estádio quando o Brasil perdeu de 3 a 0 da Argentina de Messi no futebol. Mas também vi da arquibancada quando o *Dream Team* de basquete dos EUA massacrou a seleção chinesa — e eu sentado pertinho do presidente George Bush. E a final de tênis de mesa entre dois chineses? Foi barulhenta como a final de uma Copa do Mundo de futebol.

A festa na China não foi feita apenas para o mundo reconhecer a potência emergente, mas para permitir ao povo aplaudir a sua própria história. Foram bem-sucedidos: não era raro ver os chineses se abraçando no meio da rua, diante dos telões em praça pública. Era uma alegria tão sincera que imaginei que o slogan daquela edição, "um mundo, um sonho", era algo possível.

Paris entra para a história. A começar pela cerimônia de abertura: a beleza de uma sede nunca foi exibida de maneira tão incrível — até porque estamos falando da cidade mais linda do mundo. Pela primeira vez, a festa saiu do estádio, com ingressos caríssimos, e foi para as ruas, onde pode ser vista, de forma democrática, por todos os cidadãos.

É claro que a extrema direita tinha que criar problema. Essa gente odeia tudo que é belo e humano. Espalharam que a organização fez sátira à Santa Ceia porque odeiam os LGBTQIA+. O diretor criativo Thomas Jolly até explicou que fez "uma grande festa pagã ligada aos deuses do Olimpo", mas a referência é sofisticada demais para os radicais das redes sociais. A inspiração veio do quadro *A Festa dos Deuses*, obra do renascentista italiano Giovanni Bellini. Essa turma não sabe sequer o que foi o Renascimento.

O diretor da Olimpíada se inspirou em *A Festa dos Deuses*, obra do italiano Giovanni Bellini. Mas a referência é sofisticada demais para essa turma

Minha cena favorita foi a das atletas americanas Simone Biles e Jordan Chiles reverenciando a nossa genial Rebeca Andrade. Prova que a Olimpíada desperta belos sentimentos nos verdadeiros heróis olímpicos. Biles, a maior de todos os tempos, provou que até as deusas do esporte podem ser humildes. Uma lição que serve para todos nós e até para os radicais da extrema direita, que acham que sabem tudo — e não sabem nada.

ENTRE FAVELAS E ARRANHA-CÉUS

No denso tecido urbano do Rio de Janeiro contemporâneo, onde arranha-céus se erguem como sentinelas e favelas se entrelaçam com bairros de classe média-alta, emerge o filme *O Silêncio da Chuva* (2021), dirigido por Daniel Filho (*A Partilha*, *Boca de Ouro*), que é uma ótima adaptação literária, mas que não escapa de alguns clichês do gênero do suspense policial.

Baseado no livro homônimo escrito por Luiz Alfredo Garcia-Roza, no centro da narrativa está o solitário detetive Espinosa (Lázaro Ramos), cuja investigação meticulosa sobre o assassinato de um empresário revela camadas profundas de intrigas e um emaranhado de segredos, ambientados em um Rio de Janeiro quase noir.

O protagonista se vê imerso em um labirinto de relações e interesses que oscilam entre o poder e a vulnerabilidade. As fortes personagens femininas, como: Beatriz (Cláudia Abreu), a viúva do empresário assassinado; Rose (Mayana Neiva), a amante dele; e Daia (Thalita Carauta), a parceira de Espinosa, não só adicionam complexidade à trama como também lançam luz sobre questões de gênero e poder que reverberam além da tela. Elas são complexas, e cada uma enfrenta a misoginia de formas diferentes, o que dá textura ao enredo.

por Laira Vieira

Economista e tradutora

Como disse Baruch Espinosa: "Tudo pode ser causa de prazer, dor ou desejo." E essa citação espelha o processo de investigação do detetive que busca não só desvendar o assassinato, mas as relações interpessoais e as decisões éticas de seus suspeitos. Cada interação possui subtexto, cada olhar lança dúvidas sobre as verdadeiras intenções por trás das palavras.

À medida que o detetive desvenda a teia de mentiras e manipulações que cercam o caso, somos confrontados com a pergunta inevitável: Até que ponto estamos dispostos a ir para manter nossos ideais intactos em um mundo de aparências, onde o dinheiro fala mais alto? A obra não é apenas um exercício de investigação, é uma exploração da condição humana, das tensões sociais e das sombras que habitam os recantos da mentalidade humana.

Daniel Filho entrega um longa-metragem que desafia e provoca, deixando o público imerso em reflexões sobre ética, justiça e o preço da verdade. No desfecho – com cenas violentas – quando o último véu é levantado e a verdade se revela em toda a sua crueldade, somos lembrados que a justiça nem sempre é cega e nem sempre é resolvida nos tribunais.

O Silêncio da Chuva não é apenas um filme para ser assistido, é uma experiência para ser vivida, uma provocação para pensarmos mais profundamente sobre as complexidades morais que moldam nossas vidas, e principalmente sobre as astutas personagens femininas que driblam a misoginia e são as verdadeiras heroínas do filme – assim como as mulheres na vida real.

por Cristiano Noronha

Cientista político

ELEIÇÕES ADIAM DECISÕES IMPORTANTES

O Congresso Nacional não aprovou o Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias (PLDO), pré-condição para o recesso formal dos parlamentares conforme determinado pela Constituição. Mesmo assim, entrou em recesso branco. No segundo semestre, vai funcionar apenas alguns dias por conta das eleições municipais. Há 101 deputados federais e dois senadores que irão concorrer nas eleições deste ano. Pelo calendário eleitoral, a campanha começa a partir do dia 16 de agosto.

O presidente da Câmara, deputado Arthur Lira (PP-AL), comunicou que, por acordo entre líderes, serão realizadas três semanas de esforço concentrado na Casa antes do primeiro turno das eleições (6 de outubro). Haverá sessão entre os dias 12 e 14 de agosto; 26 e 28 de agosto; e 9 e 11 de setembro. Em agosto, haverá sessão no Senado nos dias 6 e 7 e nos dias 13 e 14.

Na Câmara, o esforço é para votar o segundo projeto de lei de regulamentação da Reforma Tributária, que trata do Comitê Gestor, o que pode acontecer na primeira semana de esforço concentrado.

No Senado, a lista de temas adiados é maior. Ficou para depois do recesso o projeto da desoneração da folha de pagamento para empresas e setores, bem como as medidas compensatórias. O custo da desoneração da folha é estimado pela Fazenda em R$ 26 bilhões, enquanto as contrapartidas apresentadas pelos senadores são calculadas em R$ 18 bilhões. Por considerar um valor insuficiente, o governo propõe aumento de imposto. Mas os congressistas resistem e classificam as medidas apontadas por eles como suficientes.

Os senadores também adiaram a análise da proposta de emenda à Constituição que trata da autonomia financeira do Banco Central. O governo tem se manifestado contrário à ideia.

Outra consequência do esvaziamento dos trabalhos legislativos é o atraso na análise do projeto da regulamentação da Reforma Tributária que trata do Imposto sobre Bens e Serviços e da Contribuição Social sobre Bens e Serviços, já aprovado pela Câmara. O projeto tramita em regime de urgência constitucional. Ou seja, os senadores teriam 45 dias para votar o texto. Como a eleição reduz as atividades no Legislativo, os senadores pediram que o Executivo retirasse a urgência para que houvesse mais tempo para as discussões.

Há ainda outras questões importantes a serem definidas depois das eleições municipais, mas que terão impacto profundo no relacionamento entre Executivo e Legislativo nos dois últimos anos do governo Lula. A sucessão na Câmara e no Senado entram na agenda mais fortemente logo depois das eleições. O embate mais acirrado acontece na Câmara. No Senado, a eleição de Davi Alcolumbre (União-AP) é dada como certa. Outro ponto é a mudança na equipe ministerial, o que deve ocorrer entre dezembro e janeiro. No mercado, há grande expectativa quanto ao nome do sucessor de Roberto Campos Neto no Banco Central.

Frases

por Antonio Carlos Prado

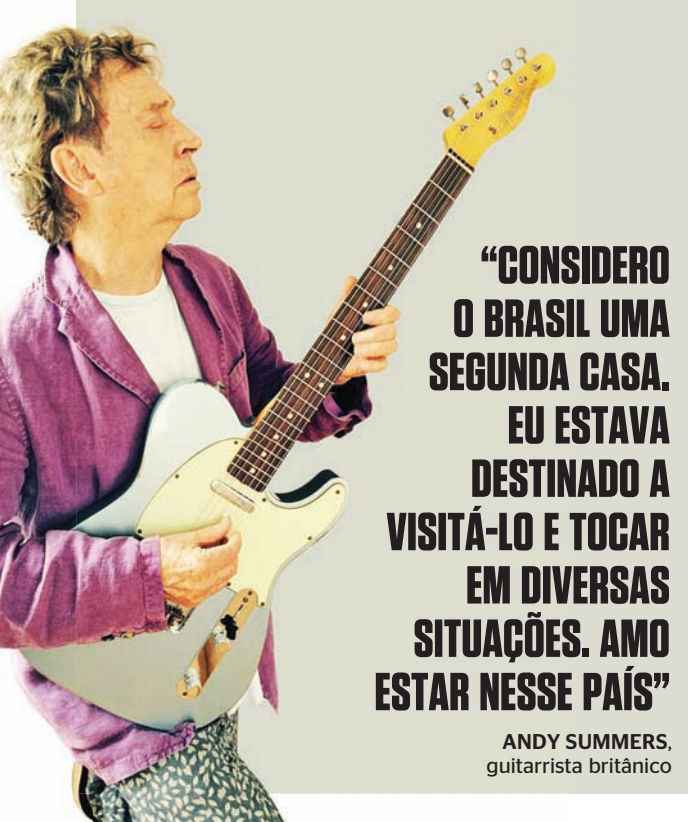
“CHEGAMOS MUITO RECENTEMENTE À TERRA. E VAMOS EMBORA EM BREVE”

HENRY GREE, diretor da conceituada revista científica *Nature*

“Acho meio brega essa coisa heroica de grande intelectual”

HELOISA TEIXEIRA, pesquisadora, ensaísta, critica literária e imortal da Academia Brasileira de Letras

“NA VIDA, EU SÓ ME ARREPENDO DE JÁ TER FUMADO DEMAIS”

NEY LATORRACA, um dos mais consagrados atores brasileiros, que está com 80 anos de idade

“CONSIDERO O BRASIL UMA SEGUNDA CASA. EU ESTAVA DESTINADO A VISITÁ-LO E TOCAR EM DIVERSAS SITUAÇÕES. AMO ESTAR NESSE PAÍS”

ANDY SUMMERS, guitarrista britânico

“Nunca coloquei fim no meu relacionamento com John Lennon. Como poderia terminar se ele me disse ‘tenho de encontrar um jeito de ficarmos juntos’ pouco antes de ser morto?”

MAY PANG, 73 anos de idade, ex-namorada de John Lennon

“Apoiamos firmemente a tributação progressiva e que a alta renda pague a cota devida. Mas não é necessário ou desejável negociar acordo global em relação a isso”

JANET YELLEN, secretária do Tesouro dos EUA, sobre a denominada “taxação dos mais ricos”

“É A MORTE DA NARRATIVA”

JAMES MANGOLD, cineasta, que dirige o elogiado filme *Logan*

“VIVI UMA DEPRESSÃO PÓS-PARTO VIOLENTA. TIVE MEDO DE NÃO AMAR A MINHA FILHA”

GABRIELA PRIOLI, advogada e professora, em entrevista ao *O Globo*

“Ele soube parar. Foi tão sábio, tão inteligente, que parou no auge. Soube se reinventar, depois de ter parado, com os livros que lançou, com as peças que fez, deixando um gosto de saudade”

NATHÁLIA PINHA, produtora do *Programa do Jô*, que participa da série documental *Um beijo do gordo*

FOTOS: MARKUS FORTES/DIVULGAÇÃO; LEO MARTINS/AGÊNCIA O GLOBO; MO SUMMERS; DIVULGAÇÃO; KEVIN WINTER/GETTY IMAGES VIA AFP. REPRODUÇÃO INSTAGRAM: @GABRIELAPRIOLI

Colaborarou: Marcelo Moreira

Brasil Confidencial

AGRESSIVIDADE
Nunes, Marçal, Tabata, Datena e Boulos: preocupação maior era atacar

O debate da baixaria

Os cinco principais candidatos a prefeito de SP (**Ricardo Nunes**, **Guilherme Boulos**, **José Luiz Datena**, **Tabata Amaral** e **Pablo Marçal**) recorreram a ataques de uns contra os outros no primeiro debate realizado na TV Band na última quinta-feira, 8, em substituição à formulação de propostas do que pretendem fazer caso sejam eleitos. A baixaria imperou. Tabata disse que tinha um boletim de ocorrência da mulher de Nunes por agressão, o que causou muito tumulto na platéia. A esposa dele gritava freneticamente: "Deixa a família fora disso". Datena insistia em dizer que Nunes era ligado ao crime organizado. Marçal insinuou que Boulos cheirava cocaína. Quanto à Tabata, disse que ela era uma "adolescente", o que motivou xingamentos por parte da platéia da candidata do PSB ao coach.

Pesquisas

No mesmo dia em que se realizou o debate, o Datafolha divulgou pesquisa sobre o desempenho dos candidatos. Na liderança, há um empate técnico entre Nunes (23%) e Boulos (22%). Em segundo, outro empate entre Datena (14%) e Marçal (14%). Em seguida vêm Tabata (7%) e Marina Helena (4%). No segundo turno, Nunes teria 49% e Boulos, 36%.

Padrinhos

A disputa em SP se dará também pelo apoio dos padrinhos aos principais candidatos. Nunes recebe ajuda de Bolsonaro, Boulos conta com empenho de Lula, enquanto Datena tentará reunir em torno dele lideranças tucanas, como José Aníbal e Aécio Neves. Já Tabata Amaral conta com o apoio do vice-presidente Geraldo Alckmin e do ministro Márcio França.

O dilema de Lewandowski

O Plano Nacional de Segurança Pública que o ministro Ricardo Lewandowski quer desenvolver por meio de uma PEC com a participação dos 27 estados está fazendo água. A proposta tem apoio de Lula, que tratou do assunto na reunião ministerial de quinta-feira, 8, mas está sofrendo resistências no gabinete de Rui Costa, que entende que isso trará mais gastos ao governo, pressionado por corte de despesas.

RÁPIDAS

* Pablo Marçal é, realmente, um fenômeno na reprodução de dinheiro. Em 2022, quando foi candidato a deputado, declarou à Justiça Eleitoral possuir bens no valor de R$ 96 milhões. Alvo de investigações da PF por lavagem de dinheiro, este ano declarou fortuna de R$ 193 milhões.

*** Lula acabou cedendo às pressões de atletas e opositores e emitiu uma MP estabelecendo a isenção de impostos para prêmios em dinheiro pagos aos medalhistas de Paris. Janja ajudou a convencer o presidente do benefício.**

* Menina dos olhos do governador Tarcísio, as escolas cívico-militares não poderão ser implantadas graças a uma liminar do desembargador Figueiredo Gonçalves, que suspendeu o projeto enquanto o STF não julga a ADIN sobre o tema.

*** Após Lira acelerar a votação da regulamentação da Reforma Tributária na Câmara, Pacheco diz que não está com pressa alguma para analisar o projeto no Senado: ele só começará a tramitar depois das eleições de outubro.**

FOTOS: MARINA UEZIMA/BRAZIL PHOTO PRESS/AGÊNCIA O GLOBO; MATEUS BONOMI/AGIF/AFP; ITAÚ/DIVULGAÇÃO; DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO/FACEBOOK BETO RICHA; PSDB-RS/DIVULGAÇÃO; RICARDO STUCKERT/PR

RETRATO FALADO

> "É importante entregar a meta do arcabouço fiscal num ano em que o Real completa 30 anos"

*O presidente do Banco Itaú, **Milton Maluhy**, disse ao Globo que é importante que o governo mantenha o esforço para atingir o déficit zero em 2024, entregando as metas previstas no arcabouço fiscal, com o bloqueio e contigenciamento de R$ 15 bi. Mas ele diz que é importante também olhar para 2025 e 2026, quando se espera um superávit de 0,2% do PIB. O banqueiro informou que o câmbio elevado também é preocupante no médio e longo prazos (na semana passada chegou a R$ 5,86).*

O risco Petrobras

A Petrobras corre riscos. No segundo trimestre deste ano, a maior estatal brasileira contabilizou prejuízos de R$ 2,6 bilhões, depois de um lucro de R$ 23 bi no primeiro trimestre deste ano (no mesmo período do ano passado, o lucro foi de R$ 28,7 bi). É o primeiro resultado negativo desde 2020, por conta da pandemia. A presidente da companhia, Magda Chambriard, explicou que a empresa só teve esse prejuízo porque precisou quitar uma dívida de R$ 20 bi com a Receita Federal e também com débitos trabalhistas. Caso contrário, o lucro deste trimestre seria de R$ 28 bi. Apesar do prejuízo, a estatal distribuirá R$ 14 bi em dividendos, o que é muito estranho.

TOMA LÁ DÁ CÁ

CARLOS CORREA, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE SUPERMERCADOS (APAS)

O setor de supermercados vem sentindo um aumento do consumo?

Sim, com a diminuição do desemprego no País e a inflação sob controle, os supermercados já apresentaram números relevantes no primeiro semestre, com um crescimento real de 5,17%.

Há tendência de expansão de mercadinhos menores?

Sim e em todas as regiões do estado. Essas lojas atendem à demanda de proximidade, conveniência e de compras pontuais.

Como tem sido o uso de Inteligência Artificial nos supermercados?

Tem acontecido de forma progressiva e o setor está acompanhando de perto o uso das tecnologias dentro do contexto dos consumidores, porque essas inovações precisam trabalhar para atender as necessidades dos clientes.

Fundo de investimento

Afinal, no começo do ano, o então presidente Jean Paul Prates caiu exatamente porque quis pagar R$ 43 bi em dividendos, mas Lula era contra, alegando que o dinheiro deveria ser retido para formação de um fundo de investimentos. Chambriard assumiu em meio à fritura de Prates no caso dos dividendos.

A crise dos tucanos

O PSDB continua derretendo. Três tradicionais políticos do partido no PR, MG e RS estão sendo obrigados a desistir de suas candidaturas às prefeituras das capitais de seus estados por falta de apoio. O primeiro a retirar a candidatura a prefeito de Curitiba foi **Beto Richa**. É que o PSD lançou Eduardo Pimentel com apoio do Cidadania, que o apoiava.

Quadro se repete

A situação é parecida em MG e RS. Em BH, o ex-deputado João Leite retirou sua candidatura depois que os tucanos Aécio Neves e Paulo Abi-Ackel decidiram apoiar a reeleição do prefeito Fuad Noman. Em Porto Alegre, o governador Eduardo Leite preferiu apoiar a candidatura de Juliana Brizola (PDT) ao invés do ex-prefeito **Nelson Marchezan** (PSDB).

Cortes em programas sociais

Em razão do bloqueio de R$ 15 bi do Orçamento deste ano, o governo precisa cortar verbas para programas sociais importantes de Lula. O pé-de-meia, gerido pelo ministro Camilo Santana, e que pretende destinar bolsas a 2,5 milhões de estudantes, só tem garantidas verbas de R$ 6,1 bi, enquanto precisaria de R$ 8 bi. A Farmácia Popular também vai perder R$ 1,7 bi neste ano.

Coluna do Mazzini

OS RINCÕES ASSUSTAM O PT

O PT caiu na real sobre algo que o presidente Lula da Silva já sabe: foi ele, sua figura histórica, quem se elegeu, não a legenda. Lula ainda é um grande cabo eleitoral Brasil adentro, mas o partido, longe disso, está perto de risco de derrotas nas capitais e cidades-pólo do interior. O que não se pode negar é que o "temerismo" – o efeito dos dois anos de Michel Temer na Presidência – e o bolsonarismo ainda estão enraizados em cidades pequenas e médias onde os petistas ficaram sem coligação. A eleição de outubro é chance única de o PT reverter o quadro. O partido vai fazer uma reunião com dirigentes nacionais semana que vem para traçar um panorama, suas chances de vitórias – onde a Executiva vai mesmo despejar dinheiro do fundo eleitoral – e onde o cenário é pessimista: pelo que já sabe, em cidades nas quais MDB, PSD, PP, União, Republicanos e PL, legendas fortes em Brasília, ainda estão fechados com Jair Bolsonaro.
Em suma, o PT sabe que pode sair menor do que entrou em 2020.

PT vai traçar panorama para saber em que cidades com chances de vitória vai investir em candidaturas a fim de evitar perder mais prefeituras

Alerta de terra arrasada em 2025

Após a reunião ministerial, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, convocou diretores dos bancos governamentais, e deu um alerta sobre as campanhas eleitorais: estão desenfreadas no interior com promessas de céu na terra, em especial nas cidades onde candidatos são apadrinhados por parlamentares conhecidos, cujas emendas já direcionadas (e empenhadas) passam inevitavelmente por liberação de ministérios que se ancoram em financiamento de obras pela Caixa e Banco do Brasil. Haddad teme alta inadimplência de prefeituras num futuro próximo. E a cada dia que passa, mais e mais prefeitos e vereadores chegam a Brasília atrás de recursos.

Confusão aérea

A PF apreendeu em maio helicóptero Robinson 44, cujo dono é suspeito de tráfico de drogas, um tal comandante Jajá. O mesmo aparelho apareceu em várias imagens de sites e TVs com a logomarca da TV Globo. A Coluna procurou o RP da Globo no DF, mas não obteve resposta se o R44 já foi fretado pela emissora ou se o dono usava a logo para disfarce.

Palácio de olho no consultor da Caixa

O Palácio acompanha à distância – e com olheiros in loco – alguns movimentos curiosos dentro do gabinete do presidente da Caixa, Carlos Vieira. Em reuniões nas quais são tratados recursos vultosos, está sempre presente um ex-deputado federal e irmão de um prefeito de capital do Nordeste. Chama a atenção das autoridades a sua desenvoltura: Ao final dos encontros ele oferece seus préstimos, inclusive fora da sede, a quem se interessar em contratá-lo como consultor de projetos junto ao banco.
O ambicioso tem usado também o nome do presidente do banco para facilitar os contratos no modelo abre-portas.

FOTOS: REPRODUÇÃO; JOSÉ CRUZ/AGÊNCIA BRASIL; ETTORE CHIEREGUINI/AGIF

por Leandro Mazzini

Com equipes: DF, SP e RJ

BH à espera de Lula e Bolsonaro

Os principais padrinhos dos candidatos da esquerda e direita em Belo Horizonte evitam pisar na capital cujo Estado representa o 2º maior colégio eleitoral do País. Enquanto Mauro Tramonte (Rep) segue fora da polarização com apoio declarado do governador Romeu Zema (Novo), Bruno Engler (PL) – o candidato de Jair Bolsonaro – e Rogério Correia (PT), o nome de Lula da Silva, esperam as visitas de seus expoentes para um palanque na campanha prestes a começar. No entanto, nenhum dos caciques garantiu ainda a visita à capital. Minas, como se sabe, é fiel da balança na eleição presidencial.

Vem aí um hotel de luxo da CNC

Uma ofensiva imobiliária (e bilionária) da Confederação Nacional do Comércio (CNC) em Brasília tem assutado gente experiente do setor. Depois do sucesso das quatro torres erguidas e alugadas na Asa Norte, agora a entidade vai construir hotel para oferecer a uma bandeira internacional.

Elas pagam muito mais

As taxas de juros dos financiamentos pesam mais no bolso das empreendedoras. Pequenos negócios liderados por homens têm taxa de financiamento de 36,8% ao ano, enquanto os geridos por elas alcançam 40,6%, segundo estudo realizado no 1º semestre pelo Sebrae. Dos R$ 109 bilhões de empréstimos aos pequenos, mulheres só obtiveram 29,4%.

Garimpo de atletas

Os Correios decidiram apostar no patrocínio dos esportes universitários, vislumbrando o surgimento de grandes atletas para os Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 2028. Embora o valor ainda seja considerado baixo na praça – R$ 3,5 milhões – para 47 modalidades. Entre elas basquete, handebol, natação, tênis, tênis de mesa e judô.

NOS BASTIDORES

Ele está de volta

Absolvido na Lava Jato, o ex-governador do Rio Luiz Fernando Pezão voltou às origens, na pequena Piraí (RJ), que o consagrou, e será candidato a prefeito pelo MDB.

A advogada do Centro

Uma advogada bolsonarista é potencial nome para vaga no Tribunal Regional Federal da 2ª Região. Tem apoio do senador Flávio Bolsonaro e é sócia de banca do Rio, com ligações na Av. Presidente Vargas.

Reforço no Tesouro

Aposentados e pensionistas brasileiros têm sido fundamentais para movimentar a economia portuguesa. O grupo vai receber este ano 26,4 milhões de euros (cerca de R$ 158 milhões), um dinheiro significativo que fica nos mercados da Terra Mãe.

Apoio a campeões

A Caixa gostou do que viu nos Jogos Olímpicos. Além de patrocinar o Vôlei (1 medalha) e o Surf (2 medalhas), decidiu manter o investimento de R$ 6,4 milhões por ano a um projeto de corrida de rua.

Semana

por Antonio Carlos Prado

EUA

Avanço inédito no "Cinturão do Sol"

A oscilação e a alternância nas declarações de intenção de voto para a Presidência dos EUA são uma tradição no país. Deve-se isso aos sete estados-chave que não se fixam nem no Partido Democrata nem no Republicano, razão pela qual são chamados de "pêndulos". **Dentre eles, decisiva variação envolve o denominado "Cinturão do Sol"**, composto pelos estados do Arizona, da Geórgia e de Nevada. Um documento interno circulava entre líderes democratas explicando que seria impossível, quase um milagre, retirar Donald Trump da liderança do "Cinturão". **O documento acaba de ser arquivado com o status de "reservado" porque na mais pragmática das campanhas eleitorais milagres acontecem — o milagre em questão é feminino e tem nome e sobrenome: Kamala Harris.** Na semana passada, ela chegou feito relâmpago em empate técnico com o adversário republicano nos três estados que podem ser decisivos na composição do número de delegados que representarão os candidatos: no Arizona, Kamala estava no início da semana passada com 44,4% das intenções de voto, contra 44,8 de Trump; na Geórgia, 45,1% contra 45,8% respectivamente; e em Nevada rigorosa igualdade em 43%. Nesses "pêndulos", tudo pode se reverter. Mas penda ele para um lado ou outro, um avanço assim, rápido e vigoroso como o de Kamala, é fato inédito no "Cinturão do Sol" em corridas à Casa Branca.

MILAGRE DEMOCRÁTICO Kamala: ela está conquistando em tempo recorde os decisivos estados do Arizona, da Geórgia e de Nevada

A QUEDA Trump: de líder ao empate técnico

ORIGINALIDADE Leonard Cohen: quatro enredos simultâneos

LITERATURA

O texto alucinógeno de Leonard Cohen

Acaba de ser lançado no Brasil *Belos Fracassados*, e é bastante provável que muita gente estranhe a autoria: Leonard Cohen. Isso ocorre porque conhecemos Leonard Cohen enquanto um dos melhores músicos que já passaram pelo planeta (faleceu em 2016), mas poucos sabem que ele também foi poeta e escritor – muitos o colocam, com certo entusiasmo, no mesmo patamar literário de James Joyce, autor de Ulysses, um dos maiores clássicos já escritos na história da humanidade. Leonard Cohen, escritor, não chega a tanto, mas o livro de sua autoria, que agora sai no País (é datado de 1966), mostra a originalidade de pensamento ao tecer quatro histórias simultaneamente. Era a época da contracultura, da anfetamina, do LSD, dos grandes astros norte-americanos no estilo de Ray Charles e tudo isso integra *Belos Fracassados*. Vale, e muito, conhecer esse lado de Cohen, marcado, assim como ele fez na música, pela genialidade. É um retrato da sociedade global que brotou sessenta anos atrás.

FOTOS: RONDA CHURCHILL/AFP; SPENCER PLATT/GETTY IMAGES NORTH AMERICA/GETTY IMAGES/AFP; ISTVAN BAJZAT/DPA PICTURE-ALLIANCE/AFP

DIREITOS HUMANOS

Tito, uma prece

É compreensível que a maior parte dos jovens brasileiros não se interesse pela ditadura militar, que se aboletou no poder entre 1964 e 1985, após apear do Planalto um presidente legitimamente eleito – João Belchior Marques Goulart. ***O sonho da leveza da vida mora no coração juvenil, então por que ele se interessaria por episódios de unhas arrancadas com alicates, cabeças esmigalhadas, choques elétricos e afogamentos? Aos que já se despediram da mocidade há tempos, como eu, fica, no entanto, uma dúvida: deixar de lembrar atrocidades de ditaduras não é aplainar-lhes o caminho de retorno? No impasse, faz-se.*** *Lembro, então, que no último fim de semana completou-se meio século do suicídio, na França, do* ***frei dominicano Tito de Alencar Lima****. Preso em São Paulo em 1969 (o presidente do País era o general Emílio Garrastazu Médici), foi criminosamente seviciado no DEOPS e, depois, no presídio Tiradentes. O delegado Sergio Paranhos Fleury o prendeu. Os seus algozes reservaram-lhe cadeira do dragão (choques no corpo inteiro), fio elétrico na uretra (choques com dor dilacerante), espancamento e pau-de-arara. Em 1970, frei Tito integrou a lista de presos políticos que foram trocados pela libertação do embaixador suíço Giovanni Bucher, sequestrado por guerrilheiros. O frei esteve no Chile, na Itália e França. De nada adiantava, aonde Tito ia, ele imaginava ver Fleury. Via-o em sonhos, via-o acordado. Buscou na morte paz e descanso: enforcou-se. O seu crime: participar de congresso clandestino da União Nacional dos Estudantes. Havia a acusação, sem provas, de que mantinha contatos com o grupo guerrilheiro Ação Libertadora Nacional.*

NA FRANÇA Frei Tito: a morte como descanso aos 27 anos

Jovens, se lhes furtei uma franja de esperança na humanidade, me perdoem *(o autor)*

ALGOZ Delegado Fleury: prisão de Tito no Congresso da UNE

FOTOS: ARQUIVO MAGNO VILELA; JOSÉ NASCIMENTO/ACERVO UH/FOLHA IMAGEM

Clube de Revistas

FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
REDATOR-CHEFE: Eduardo Marini
EDITOR-EXECUTIVO: Felipe Machado

EDITORES
Luiz Cesar Pimentel e Vasconcelo Quadros (Brasília)

REPORTAGEM
Ana Mosquera, Alan Rodrigues, Denise Mirás, Bruna Garcia, Marcelo Moreira, Mirela Luiz e Carlos Eduardo Fraga (estagiário)

COLUNISTAS E COLABORADORES
Cristiano Noronha, Elvira Cançada, Erika Mota Santana, José Vicente, Laira Vieira, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim, Ricardo Guedes, Ricardo Kertzman e Rosane Borges

ARTE
DIRETORA DE ARTE: Renata Maneschy
EDITOR DE ARTE: Wagner Rodrigues
DESIGNERS: Cleber Machado e Therezinha Prado
WEB DESIGN: Alinne Nascimento Souza

AGÊNCIA ISTOÉ
Editor: Frédéric Jean

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello
Assistente: Cláudio Monteiro

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
publicidade1@editora3.com.br
Diretora de Publicidade: Débora Liotti
deboraliotti@editora3.com.br
Gerente de Publicidade: Fernando Siqueira
publicidade1@editora3.com.br
Secretária da diretoria de publicidade: Regina Oliveira
reginaoliveira@editora3.com.br
Diretor de Arte: Pedro Roberto de Oliveira **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante • Gabinete de Mídia • **Tel.:** (79) 3246-4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano • Dandara Representações • **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira • 1a Página Publicidade Ltda. • **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 **– CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros • Wem Comunicação •
Tel.: (19) 98238-8808 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes • RR Gianoni Comércio & Representações Ltda • **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 **– INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria • GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda •
Tel.: 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda.
Redação e Administração: Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200
Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
Comercialização: Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP.
Impressão e acabamento: D'ARTHY Editora e Gráfica – R. Osasco, 1086 – Guaturinho, CEP: 07750-000 – Cajamar – SP

"Seria esquizofrênico, como presidente do TSE, me auto-oficiar. Como presidente, tenho poder de polícia e posso, pela lei, determinar a feitura dos relatórios"

Ministro Alexandre de Moraes, do STF e ex-presidente do TSE

Estupidez contra a democracia

FOTO: JOÉDSON ALVES

Não é a primeira vez que o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), vira alvo do desequilíbrio e da falta de seriedade da extrema direita fiel a Jair Bolsonaro. Certamente não será também a última. A diferença é que, agora, o bolsonarismo mobiliza a artilharia em cima de uma crise artificial, um factoide rasteiro baseado em providência regular, pedida a auxiliares, para juntar, nos inquéritos do STF, relatórios de investigações que tramitavam no Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O esperneio grotesco desconsiderou até mesmo o fato de que Moraes era, à época, presidente do TSE. Tinha poder de polícia para requisitar documentos no TSE. "Seria esquizofrênico me auto-oficiar", reagiu o ministro à patacoada, como se explicasse algo primário a uma turma de quinta série. E detalhou a **ISTOÉ** na quinta-feira (15): "STF e TSE agiram estritamente dentro da lei, com respeito ao devido processo legal. O compartilhamento de provas foi oficial e documentado. PGR e as defesas tiveram ciência integral dos documentos".

Em nova **tentativa insana de derrubar Alexandre de Moraes, extremistas fiéis a Bolsonaro** na Câmara e no Senado **criam crise artificial,** mostram ignorância em relação às atribuições do TSE e tentam criar clima para trocar **proposta de impeachment do ministro do STJ** por anistia ao ex-presidente. A tentativa patética fez água: o **presidente do Congresso,** Rodrigo Pacheco, **não a colocará em pauta** mesmo se houver assinaturas *Vasconcelo Quadros*

Desde que o site do jornal Folha de S. Paulo publicou reportagem apontando que o ministro teria agido informalmente, ou "fora do rito" dos dois tribunais, os golpistas que tentaram anular a eleição de 2022 para manter Jair Bolsonaro no poder buscam, de forma vergonhosa, dar um ar de ilegalidade ao caso. Tudo para colar em Moraes comparações estapafúrdias aos atos praticados pelo ex-juiz e hoje senador Sérgio Moro (União Brasil-PR) e os procuradores do Ministério Público Federal de Curitiba que, em afronta à lei, combinavam ações conjuntas contra os alvos da Operação Lava Jato. A estratégia clara é pressionar o governo e o judiciário por um acordo que resulte em anistia a Bolsonaro e o reabilite para concorrer às eleições de 2026.

A pretensão não resistiu a uma caminhada até a esquina. Foi logo abortada. Enquanto o senadores Eduardo Girão (Novo-CE) e Flávio Bolsonaro (PL-RJ), filho do ex-presidente, colhem assinaturas para forjar a apresentação de um pedido de impeachment, a maioria dos ministros do STF que se manifestaram, o procurador Geral da República, Paulo Gonet, e juristas independentes não enxergaram qualquer irregularidade nas ações de Alexandre de Moraes.

Ao contrário do que pretendia a direita ao forçar a barra, Moraes ganhou mais apoio à reta final do cerco que deve levar o ex-presidente ao banco dos réus, para responder por uma série de crimes praticados durante o mandato, entre eles tentativa de tomada violenta do poder. O roteiro delirante do golpe previa, entre outras aberrações, a prisão e o assassinato de Moraes. O presidente do Congresso, senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG), também advogado, disse não ver qualquer gravidade nas ações do ministro. E descartou o impeachment, afirmando que não o colocará na pauta ainda que a direita reúna as assinaturas.

O plano começou a fazer água já na quarta-feira (14), quando o ministro, a pedido da Polícia Federal, decretou mais uma vez as prisões dos blogueiros bolsonaristas Alan dos Santos e Oswaldo Eustáquio. Eles vivem, respectivamente, nos Estados Unidos e na Espanha, e se utilizam dos perfis de adolescentes para postar mensagens criminosas de desinformação e ataques às autoridades para embaraçar as investigações.

A decisão do ministro alcançou também o senador Marcos Do Val (Podemos-ES), alvo de um mandado de buscas em sua residência, em Vitória (ES), onde teve de entregar o passaporte. Na semana passada, o ministro havia determinado a suspensão da conta do senador no Instagram e o bloqueio de R$ 50 milhões em duas contas bancárias, tudo por se relacionar com os investigados em suspeitas de obstrução da Justiça. Na avaliação de investigadores, enquanto a teoria de impeachment ficar na alçada dos partidos, a conspiração será tratada como ação política. Mas se implicar em obstrução de Justiça concreta, numa fase em que nenhuma ação penal ainda foi aberta, bolsonaristas e o próprio ex-presidente correm o risco de irem para o xilindró.

FACTOIDES RASTEIROS
Seguidores de Bolsonaro no Congresso não vêem limite nas tentativas desesperadas de livrar ex-presidente da inelegibilidade e das condenações quase certas por tentativa de golpe e venda de joias da União

FORAGIDOS
A Polícia Federal pediu as prisões de Alan dos Santos (à esq.) e Oswaldo Eustáquio, que vivem fora do Brasil, depois de encontrar indícios sobre uso perfis de adolescentes para driblar os controles e espalhar notícias falsas

> **As críticas recebidas pelo ministro Alexandre de Moraes fazem parte de uma tempestade fictícia**
>
> **Ministro Luís Roberto Barroso,** presidente do STF

Na quarta-feira (14), durante sessão do STF, o presidente da Corte, Luís Roberto Barroso, sintetizou numa frase singela a conclusão mais coerente da alegada informalidade no caso: "na vida às vezes existem tempestades reais e, em outras, as fictícias. Acho que estamos diante de uma dessas últimas". A base da espuma de denúncia contra Moraes é um conjunto de áudios de conversas entre o juiz auxiliar do gabinete do ministro no STF, Airton Vieira, e o ex-diretor da Assessoria de Enfrentamento à Desinformação do TSE, Eduardo Tagliaferro, perito da Polícia Federal.

INQUÉRITO DAS FAKE NEWS

Na maioria dos casos, o conteúdo envolve pedidos de Moraes para instruir inquéritos das fake news envolvendo Bolsonaro, seus filhos e o grupo que conspirou contra a ordem democrática. Um dos alvos sobre os quais os dois auxiliares do ministro falam é o jornalista Rodrigo Constantino. Há também, nos seis gigabytes de diálogos a que o jornal diz ter tido acesso, referência a outros investigados, entre eles o deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP), filho do ex-presidente, e o blogueiro Paulo Figueiredo, neto do último general da ditadura, João Batista Figueiredo.

Fontes ligadas à Polícia Federal contaram à **ISTOÉ** que suspeitas apontam a origem do vazamento a uma bem engendrada trama do bolsonarismo. Todo o material teria sido obtido a partir do espelhamento da tela do celular de Tagliaferro, afastado do TSE depois ter sido preso em Candeias, no interior de São Paulo, acusado de violência doméstica contra a esposa em maio de 2023. O conteúdo retirado na delegacia teria sido encaminhado à cúpula da Polícia Civil paulista, subordinada a Tarcísio de Freitas, o mais importante dos governadores ligados a Bolsonaro. A resposta do perito, ao ser procurado pelos jornalistas, é uma negativa preguiçosa e de uma dubiedade que deixa dúvidas sobre sua isenção: "cumpria todas as ordens que me eram dadas e não me recordo de ter cometido qualquer ilegalidade".

O monitoramento das redes sociais pela PF teria encontrado fortes diálogos entre grupos bolsonaristas que, sem entrar em detalhes, faziam comentários indicando que denúncias contra o ministro estavam para estourar. As

PELO WHATSAPP
O perito criminal Eduardo Tagliaferro (à esq.) e o juiz auxiliar do gabinete de Moraes, Airton Vieira, aparecem em diálogos discutindo ordens legais do ministro de buscar documentos para o inquérito das fake news

FOTOS: ELZA FIÚZA/AGÊNCIA BRASIL; MARCO ANKOSQUI; RAFAEL VIEIRA/AFP; REPRODUÇÃO REDE SOCIAL; ANDRESSA ANHOLETE/STF

suspeitas apontam que, há tempos, as redes da extrema direita difundiam a tese esdrúxula segundo a qual Moraes vinha agindo como Moro, o que poderia ser usado para produzir uma nova Vaza Jato. E, assim como ocorreu com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, libertado após um hacker revelar o jogo combinado entre Moro e os procuradores de Curitiba, Bolsonaro poderia ser beneficiado.

Tudo obra absoluta de fantasia. Não há crime nas ações de Alexandre de Moraes que, com poderes de polícia no STF e na presidência do TSE, não tinha, como disse, a mais remota necessidade de oficiar a ele mesmo pedidos de providência corriqueiros no Judiciário. O que se viu até aqui mostra apenas ordens legais a subordinados — e mais nada. O advogado Marco Aurélio de Carvalho, coordenador do Grupo Prerrogativas, coletivo de juristas e advogados que se debruçou sobre os desvios da Lava Jato, afirma não haver qualquer irregularidade na atuação do ministro e de seus assessores, muito menos semelhança entre um caso e outro. "Comparar esse fato ao acorrido com Sergio Moro e Deltan Dallagnol na Lava Jato é, no mínimo, desonesto. O ministro é atacado por suas virtudes, não por erros, que aqui não ocorreram."

TRIO DO PERIGO
Figueiredo (acima, à esq.), Flávio Bolsonaro e Constantino estão por trás de mensagens golpistas difundidas para alimentar apoiadores. Alegam direito à liberdade de imprensa, mas foram suspensos das redes sociais

JOIAS E GABINETE DO ÓDIO

Nos círculos do Direito, Moraes é criticado mais pelo que não entrou agora no circuito da extrema direita: o alongamento das investigações sobre fake news abertas em 2019 por decisão do então presidente do STF, Dias Toffoli, que o designou como relator. E ainda o acúmulo de outros casos envolvendo o chamado gabinete do ódio, os inquéritos da fraude no cartão de vacina, a apropriação indevida das joias sauditas e os atos antidemocráticos. Unificados em seu gabinete, cinco anos depois, já poderiam, segundo os críticos, ter sido encerrados.

A estratégia do ministro se revelaria acertada depois que a Polícia Federal esmiuçou os dois meses de tratativas articuladas por Bolsonaro para dar o golpe anulando a eleição. O Advogado Geral da União, Jorge Messias, lembrou: quem reclama do ministro esquece o ocorrido na campanha eleitoral de 2022. A trama executada nos dois meses seguintes ao resultado da eleição, que previa o uso das forças especiais do Exército para anular a votação e prender o próprio ministro, foi apenas o último de uma série de atos.

Eles envolveram ataques às urnas eletrônicas, tentativa de assassinato de policiais federais pelo ex-deputado Roberto Jefferson, a deputada Carla Zambelli fora de controle, de pistola em punho, correndo atrás de um manifestante em um bairro chique de São Paulo e a Polícia Rodoviária Federal sendo usada para impedir eleitores de Lula de chegarem aos locais de votação. "O ministro sempre se destacou pelo compromisso com a Justiça e a democracia. Tem atuado com absoluta integridade. Suas decisões contaram com a fundamentação e regularidade próprias de uma conduta honesta, ética e colaborativa", resume Messias.

A reconstituição do período de Bolsonaro na presidência demonstra que a conduta de Ale-

FOTOS: REPRODUÇÃO REDE SOCIAL; MARCOS OLIVEIRA/AGÊNCIA SENADO; ROSINEI COUTINHO/STF

xandre de Moraes como magistrado foi um dos fatores que inibiram o bolsonarismo e os militares golpistas a promoverem a ruptura do sistema democrático, que correu sério risco nos dois meses posteriores à eleição de 2022. Como não conseguiu o apoio dos comandantes militares, que assediou insistentemente, Bolsonaro fugiu para os Estados Unidos um dia antes do encerramento de seu mandato, deixando, inclusive, de cumprir a liturgia de passagem da faixa presidencial a Lula.

CUMPRIR COM O DEVER

De uma gravidade que só viria à tona com a delação do ex-ajudante de ordens do gabinete presidencial, tenente coronel Mauro Cid, e as revelações do ex-comandante do Exército, general Marco Antônio Freire Gomes, e da FAB, Carlos de Almeida Batista Júnior, confirmando que a eles foi apresentado inclusive uma minuta do golpe, o plano tinha como alvo principal Moraes, monitorado por agentes das forças especiais para ser preso em São Paulo e depois executado. Mesmo as forças políticas conservadoras reconhecem que a atuação do ministro contribuiu para frustrar o golpe e, a partir dos ataques do 8 de janeiro, responsabilizar os golpistas.

Irônico, o ministro Flávio Dino afirmou que Moraes é acusado de um crime "gravíssimo": cumprir com seu dever. "Estamos diante de uma inusitada situação em que se questiona o exercício de ofício do poder de polícia", disse, referindo-se aos papéis que Moraes exercia ao mesmo tempo, relator do processo no STF e presidente do TSE, quando pediu relatórios para amparar as acusações contra os bolsonaristas. "Confesso que, até aqui, não consegui encontrar em que capítulo, dispositivo ou preceito isso viola nossa ordem jurídica".

"Neste momento, Moraes é acusado de um crime gravíssimo, qual seja, cumprir o seu dever"

Ministro Flávio Dino, do STF

Não são apenas os ministros do STF que identificam a legalidade dos atos de Moraes. A avaliação do STF é corroborada pelo procurador Paulo Gonet, que não enxergou irregularidades, acompanha as investigações e foi informado dos atos do ministro. Gonet sabe que, em 2022, as cúpulas da PF e do próprio MPF, pressionadas por Bolsonaro, se encolhiam e, se não boicotavam explicitamente, restringiam a colaboração às investigações. Gonet chegou a destacar que, além da coragem na condução dos atos do judiciário para levar a cabo as medidas contra o bolsonarismo, Moraes agiu "com diligência, assertividade e retidão nas decisões". O vice-presidente e ministro da Indústria e Comércio, Geraldo Alckmin (PSB), e a presidente do PT, deputada Gleisi Hoffmann, também manifestaram apoio ao ministro.

O ministro Alexandre de Moraes é alvo preferencial apenas do bolsonarismo e da direta radical do Congresso que gravita em torno do ex-presidente. Desde 2023 a Corte vem enfrentando pesado bombardeio dos conservadores, encabeçados pelas bancadas ruralista, evangélica e da bala, que respondem as decisões judiciais com projetos de lei ou PECs em sentido contrário. Sempre com o objetivo de estressar as relações políticas para tentar livrar Bolsonaro. Esses grupos querem restringir a atuação do STF. Falam em estabelecer mandados, queixam-se de interferência do Judiciário no Legislativo e não escondem que, na sucessão ao Senado, no ano que vem, vão apoiar o candidato que prometer colocar na pauta impeachment de ministros do STF. Gilmar Mendes, decano do STF, esclarece o que está por trás dos ataques. "A censura que tem sido dirigida ao ministro Alexandre de Moraes, na sua grande maioria, parte de setores que buscam enfraquecer a atuação do Judiciário e, em última análise, fragilizar o próprio Estado Democrático de Direito." A falta de compromisso desses radicais de direita com o País arranha a irresponsabilidade e não tem nem mais disfarce. ■

ENQUADRADO
Do Val teve de entregar passaporte à PF e, acusado de embaraçar investigações, sofreu bloqueio de R$ 50 milhões

UNIÃO
Lira, Pacheco e Alcolumbre reconhecem o poder do STF, mas mandam recado a Lula: não aceitarão decisão que retire força dos parlamentares sobre Orçamento

COALIZÃO AMEAÇADA

Ao exigir transparência sobre o destino das emendas e restringir o apetite parlamentar pelo Orçamento, o STF deixa o "abacaxi" nas mãos do governo, que terá de agir com cautela para evitar rachaduras no centro conservador que o ampara no Congresso

Vasconcelo Quadros

O ministro Flávio Dino calibrou a mira do STF nos segredos que encobrem as emendas parlamentares, mas acabou acertando o núcleo do poder político, em Brasília. Desde que suspendeu os repasses de valores e impôs transparência na aplicação do colossal Orçamento gerido pelo Congresso, governo e parlamentares se exercitam em busca de uma solução que possa evitar o derretimento da coalizão do toma lá dá cá que sustenta o governo do presidente Lula. Em rara ação coordenada, os presidentes do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), e da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), ingressaram no próprio STF com uma ação contra as decisões de Dino, alegando que as medidas em curso ferem a autonomia legislativa no controle de uma montanha de R$ 52 bilhões, cujo valor, desde 2017, foi crescendo sem limites, ano a ano, até transformar deputados e senadores em gestores de pequenas oligarquias em seus redutos eleitorais. A decisão de Dino é monocrática, tem como base a Constituição da República e deverá ser referendada até o final de agosto por uma maioria confortável no STF, que há tempos ensaia um ajuste de contas com as práticas clientelistas que empoderam congressistas e destoam o legislativo do espírito republicano. Ciente dos ricos à governabilidade, o ministro das Relações Institucionais, Alexandre Padilha, sustenta que "não há digitais" do Palácio do Planalto na iniciativa de Flávio Dino, mas diz que o governo acatará a decisão judicial e tentará empurrar o impasse sobre as emendas para o colo do STF, como se o Judiciário, e não o governo, fosse o dono do cofre. Entre os 513 deputados e 81 senadores, ninguém acredita que Lula esteja acima dessa briga que, em seu primeiro reflexo, provocou o adiamento da leitura do relatório do projeto da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) do ano que vem que o governo mandou ao Congresso.

FOTOS: AGÊNCIA SENADO; MATEUS BONOMI/AGIF/AFP

A reação mais incisiva, depois de uma semana de suspense ensaiado, partiu de Lira, o mais importante líder do Centrão, que se sustenta na Câmara e quer fazer seu sucessor distribuindo benesses fatiando o Orçamento federal. Num evento em Brasília, na terça-feira, 12, ele disse que "decisão monocrática não vai tirar o poder do Congresso sobre emendas" e, num discurso que soa como música aos ouvidos dos parlamentares, defendeu a autonomia do Congresso, afirmando que o Orçamento não pertence apenas ao Poder Executivo. "É bom sempre lembrar que o Orçamento não pertence unicamente ao Executivo. O Orçamento é votado pelo Congresso Nacional". Lira aproveitou a presença da ministra da Saúde Nísia Trindade no encontro em que Pacheco também esteve presente para afirmar que as Santas Casas e hospitais filantrópicos dependem de recursos de emendas destinadas por parlamentares que, enfatizou, são os que mais conhecem a realidade e as necessidades de saúde, um exagero.

INSEGURANÇA JURÍDICA

O presidente da Comissão Mista de Orçamento, deputado Júlio Arcoverde (PP-PI) suspendeu a leitura do relatório da LDO até que o que ele chama de "insegurança jurídica" seja superada. Arcoverde garantiu que agiu por cautela, pois, ao ler o relatório, imediatamente teria de abrir espaço para a apresentação das emendas parlamentares, o que seria inócuo sem uma definição sobre as novas regras. O deputado defende um acordo com Dino, segundo o qual o Congresso ajustaria as regras de transparência às emendas, enquanto o ministro voltaria atrás, retirando as restrições, algo improvável já que a decisão final envolverá todo o STF. O relator do Orçamento de 2025, senador Ângelo Coronel (PSD-BA), considera "direito adquirido" o poder sobre emendas, afirma que parlamentar não é fiscal de obra e sugeriu que o governo usou o Judiciário como "curva" para forçar o diálogo com o Congresso sobre as emendas. "Prefiro acreditar que tenha sido uma iniciativa só do Supremo: o governo não é maluco de, num momento desses, numa época de esforço concentrado, fazer uma coisa dessas em relação ao Parlamento", disse Júlio Arcoverde à **ISTOÉ**. Ele lembra que Dino, que renunciou ao cargo de senador para entrar no STF, já passou pelo Congresso e sabe como isso funciona. "A suplente dele deve ter feito as indicações de emendas", alfinetou o presidente da CMO. A suplente do ministro, senadora Ana Paula Lobato (PDT-MA), é autora de emendas no valor de R$ 36 milhões em 2024. Ela é apenas mais uma entre os 594 parlamentares. Dividido equitativamente, o naco orçamentário dá a cada um algo em torno de R$ 87,5 milhões por ano. Um dos favoritos para à sucessão de Lira no ano que vem, o deputado Elmar Nascimento (BA), líder do União Brasil, enviou R$ 10,8 milhões para Campo Formoso, município baiano administrado pelo irmão, Elmo, num dos exemplos que multiplicam País afora.

> **"Não tem digital ou participação do Executivo no que é a decisão do Supremo. Quando tiver decisão final, vamos cumprir"**
> **Alexandre Padilha,** ministro das Relações Institucionais

Pegos de surpresa pelas decisões de Dino durante o recesso, os congressistas querem agora negociar um projeto de Lei ou uma PEC antes de uma decisão definitiva do STF. Nos bastidores, os parlamentares não têm dúvida de que o governo aposta numa solução judicial via STF, sem dar a cara a bater, como fez em junho ao vetar R$ 6 bilhões das emendas de comissões - que sucederam o Orçamento secreto, no qual, as indicações eram chamadas de emendas do relator -, levando o Congresso a derrubar o veto numa negociação que terminou no restabelecimento de R$ 4,25 bilhões, manobra articulada com o apoio do senador Davi

Alcolumbre (União Brasil), presidente da CCJ e cotado para suceder Pacheco. Com seu apoio, seu estado natal, o Amapá, recebeu este ano R$ 393 milhões em emendas. Nesse primeiro momento, as baterias se voltaram para o STF através de agravos regimentais para derrubar as liminares. Numa outra frente, o Congresso quer impedir que prospere no STF a Ação Direita de Inconstitucionalidade (ADIN), de autoria do procurador-Geral da República, Paulo Gonet, pedindo o fim das emendas de transferência especial, as chamadas PIX, sobre as quais não há controle ou critério de destino.

DESMAME PARLAMENTAR

Para 2024 estão previstos R$ 8 bilhões, dos quais, R$ 4,5 bilhões foram liberados antes da trava que impede repasses a três meses das eleições. Esgotados os recursos no Judiciário, o alvo é o governo, que será pressionado a buscar um acordo político em torno das emendas. Ninguém fala abertamente, mas nos bastidores os próprios líderes governistas avaliam que um eventual desmame parlamentar das verbas orçamentárias geraria uma crise sem precedentes com riscos de rachaduras na coalizão e ameaças à governabilidade. Uma fonte do PT, que pediu para não ter o nome citado, disse à **ISTOÉ** que nada foi combinado entre governo e Flávio Dino, mas que as decisões do STF são como "um presente" para Lula que, sem força para impor maior controle ao orçamento entregue por seu antecessor, não tomaria a iniciativa de cutucar o Legislativo. O montante de recursos geridos pelo Congresso este é ano é mais de cinco vezes superior ao que o governo acatava em emendas há dez anos, quando não havia proposições impositivas, Orçamento secreto ou PIX e, mesmo com uma previsão de R$ 10 bilhões em 2014, ainda era alvo de frequentes contingenciamentos.

> **"Não pode mudar isso, com todo respeito, num ato monocrático, quaisquer que sejam os argumentos e as razões"**
> **Arthur Lira,** presidente da Câmara

Dino arranjou encrenca grossa com o Congresso, mas conta com apoio da sociedade civil que, alheia à repercussão política da queda de braços, vê avanços nas decisões por transparência.

O procurador de Justiça, Roberto Levianu, presidente do Instituto Não Aceito Corrupção, pediu para entrar como amicus curiae nas ações que tramitam no STF por entender que há um movimento no Congresso para restringir a legitimidade de propostas que buscam esclarecer o destino dos recursos públicos, o que, na sua opinião, "enfraquece a democracia e o sistema republicano". O procurador diz que este ano, por conta das alegadas urgências de votação, as comissões temáticas podem deixar de debater mais de 400 temas relevantes, todos decididos apenas pelo colégio de líderes antes da votação em plenário. "As emendas viraram uma caixa preta. Não é possível que tenhamos ainda cheque em branco com o dinheiro público. A rastreabilidade e a exigência prévia de que as emendas estejam vinculadas a uma finalidade determinada é um direito fundamental da sociedade. Estamos falando de Orçamento público, que não cabe ao Congresso gerir. É uma subversão do sistema republicano que afeta a separação dos poderes". Levianu diz que o número de parlamentares que adotam critérios de prioridade social na destinação das emendas gira em torno de 2%, o que demonstra que a relação com o orçamento é um clientelismo a céu aberto. "O dinheiro vai para os rincões que mantém o parlamentar no poder. Ele só manda o dinheiro para onde tem voto, mesmo que não haja necessidade social pelo dinheiro público. É a perpetuação no poder". Se a decisão de Dino forçar um acordo que resulte num acordo que dê transparência ao dinheiro do orçamento, diz o procurador, o país sairá ganhando. ■

REDUTOS Um dos favoritos para a sucessão de Lira à presidência da Câmara, Elmar Nascimento é um dos campeões das emendas parlamentares, parte delas destinadas aos seus redutos baianos

FOTO: CÂMARA DOS DEPUTADOS

Brasil/Gastos Públicos

Lula e seus ministros avaliam como negativos os impactos políticos dos bloqueios de verbas orçamentárias nas áreas sociais, como os programas Farmácia Popular e Pé-de-Meia. Até os aliados se queixam *Marcelo Moreira*

"A ordem de Lula é cumprir o arcabouço fiscal a todo custo e é o que estamos fazendo"
Fernando Haddad, ministro da Fazenda

O DESGASTE DOS CORTES

O custo político é maior do que o custo fiscal ou orçamentário. É com essa preocupação que o governo federal procura se equilibrar na retomada dos trabalhos do Congresso neste mês de agosto, quando os parlamentares voltam os olhos para as eleições municipais de outubro. De todos os lados surgem críticas contra os bloqueios e contingenciamentos de R$ 15 bilhões anunciados pela equipe econômica para as adequações às metas fiscais, mas pesam sobretudo as queixas de aliados a respeito dos cortes feitos em áreas sociais, o que vem irritando governistas e provocando ataques por parte dos oposicionistas.

O mantra repetido pelo presidente Lula e seus ministros da área econômica de que as reduções de gastos não passam de "adequações ao Orçamento" e que os bloqueios não penalizarão os mais pobres, não passam de discurso em véspera de campanha eleitoral. Na realidade, a situação é muito complexa porque os tais contingenciamentos não costumam ser localizados, afetando a população como um todo. "É preciso ter vontade política e coragem para tomar certas decisões, seja qual for o impacto e o tamanho das resistências, ainda mais quando percebemos que mexer em Orçamento é muito difícil. Afinal, as despesas estão quase todas carimbadas. Sempre haverá um custo político quando se perseguem metas para deixar as contas públicas em dia", diz o economista Alexandre

FOTOS: CLAUDIO REIS/AGÊNCIA ENQUADRAR/AGÊNCIA O GLOBO; FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

Schwartsman, ao comentar os esforços fiscais do governo.

No Palácio do Planalto, a questão é tentar calcular o tamanho do custo político e seus impactos, tanto na eleição municipal quanto na imagem do governo Lula. A eleição se aproxima e as preocupações crescem. As estimativas do Planalto indicam que são necessários cortes de até R$ 26 bilhões. "O presidente determinou o cumprimento do arcabouço fiscal a todo custo e estamos determinados a fazer isso", disse o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, ao anunciar as primeiras áreas que seriam atingidas pela tesoura do governo.

Só que o congelamento dessas medidas enfureceram até mesmo parlamentares da base aliada no Congresso. Isso aconteceu em relação a um dos carros-chefes da gestão Lula: o programa Farmácia Popular, que fornece medicamentos gratuitos para a população mais pobre. Essa foi uma das ações mais afetadas pelo corte de gastos decretado pelo governo, com R$ 1,7 bilhão bloqueado no Orçamento da União. Outra área atingida foi o Auxílio Gás, importante mecanismo para redução da fome. "Na prática não haverá efeito significativo a curto prazo, mas o impacto da notícia é fulminante e municiará a oposição contra nossos candidatos no período eleitoral. Eu acho que dava para evitar essa enrascada", comentou um deputado federal da base governista sob a condição de anonimato.

REAÇÃO IMEDIATA

Como não poderia deixar de ser, a repercussão foi imediata. O ex-presidente Jair Bolsonaro, por exemplo, o maior nome da oposição, usou suas redes sociais e as do seu partido, o PL, para tripudiar sobre o anúncio feito pela equipe econômica. "Falaram que ia ter picanha no prato da população, mas agora não vai ter nem mesmo ensopado de galinha." Deputados federais de partidos de oposição subiram o tom e falam em "estelionato eleitoral" para criticar as "falsas promessas" de campanha feitas por Lula.

O partido Novo, que também faz oposição ao governo, aproveitou para atacar Lula e seus aliados. Em texto publicado nas redes sociais, o partido diz que "o marco fiscal petista atrelou crescimento da arrecadação ao aumento de despesas, em oposição ao que previa o teto de gastos aprovado no governo Temer. O resultado é uma reiterada tentativa governamental em avançar sobre o patrimônio dos brasileiros. O incentivo é perverso. Como ninguém aguenta mais tantos impostos, o governo decidiu reduzir as despesas, avançando primeiro sobre os vulneráveis. Não é novidade. Os governos petistas têm vocação em privilegiar os mais ricos, fazendo uso das instituições republicanas", disse o post do Novo.

Entre os governistas, o vice-líder do governo na Câmara, deputado federal Lindbergh Farias (PT-RJ), saiu em defesa de Lula, garantindo que "os pobres não serão afetados". Em diversas entrevistas, ele preferiu atribuir ao Banco Central o fato da economia não estar crescendo mais e voltou a pedir que a taxa de juros comece a cair o mais rápido possível. "Não dá para termos um 'austericídio' fiscal que vai causar prejuízos para os pobres. O ônus vai recair sobre eles." A fala está sendo utilizada por adversários como exemplo de contradição do governo, já que não há consenso nem mesmo como proceder em relação ao corte de gastos públicos.

REMÉDIOS BARATOS

Em julho, o governo promoveu uma contenção de gastos no valor de R$ 15 bilhões para cumprir as regras fiscais deste ano. Os ministérios foram responsáveis por definir quais áreas serão atingidas. Não há garantias de que o dinheiro retorne ao caixa dos órgãos públicos. Os recursos só serão descongelados se as contas voltarem a ficar em dia, o que não faz parte do cenário atual.

O programa Farmácia Popular tem um Orçamento de R$ 5,2 bilhões para 2024, sendo R$ 4,8 bilhões apenas para o sistema de gratuidade, que financia 100% do valor do medicamento. O restante fica para o sistema de copagamento, em que o governo paga uma parte do remédio e o cidadão paga o restante. O bloqueio atingiu 36% do programa gratuito. Também foram afetados os programas com maior visibilidade na Esplanada dos Ministérios, como as concessões de rodovias (R$ 934 milhões) e o Auxílio Gás (R$ 580 milhões), que subsidia o botijão de gás para famílias carentes. ■

EXPECTATIVA Camilo Santana (Educação) e Nísia Trindade (Saúde) receberam informes do Planalto de que suas pastas ficariam de fora dos cortes, mas isso não aconteceu

AS SUSPEITAS CONTRA CAMPOS NETO

A Justiça autoriza a continuidade de investigação contra o presidente do BC por uma comissão de ética do governo: ele é acusado de ilegalidades por ser dono de offshore enquanto exerce cargo público

Marcelo Moreira

A guerra fria que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva trava contra o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, esquentou por conta de uma decisão da Justiça Federal, tomada neste mês, e que promete contribuir ainda mais para a desgaste da imagem do economista. O Tribunal Regional Federal da 1ª Região (TRF-1) derrubou uma liminar (decisão provisória) que impedia a continuidade de uma investigação na Comissão de Ética da Presidência da República sobre supostas empresas offshores que teriam participação societária do presidente do BC.

A liminar havia sido concedida pela 16ª Vara Federal Cível de Brasília, em 2023, no sentido de suspender as investigações. O pedido pela derrubada da decisão provisória foi da Advocacia-Geral da União (AGU). A decisão judicial ocorre em um momento em que Lula ameaça retomar os ataques contra a política da taxa básica de juros. O BC interrompeu a trajetória de cortes, aumentando a ira do presidente e de seus principais aliados. Campos Neto, segundo Lula, estaria sabotando os esforços do governo para fomentar o desenvolvimento econômico e o combate à pobreza. Já o economista, que está prestes a deixar o cargo, diz que o seu trabalho é no sentido de manter a inflação controlada.

O processo na comissão de ética do governo que investiga o presidente do BC não é novo e se arrasta há três anos. Surgiu após a publicação, em 2021, de uma série de reportagens conhecidas como "Pandora Papers", que tratou de uma investigação feita por um consórcio internacional de jornalistas com base em documentos vazados por 14 escritórios internacionais que fazem a abertura de empresas em paraísos fiscais. As reportagens citam diversas personalidades públicas em diferentes países, incluindo Campos Neto e o então ministro da Economia, Paulo Guedes. Eles seriam proprietários de empresas conhecidas como "offshores", com contas em paraísos fiscais para receberem depósitos sem o recolhimento de impostos.

NA GAVETA
O então PGR, Augusto Aras, arquivou, em 2021, pedido de investigação contra Campos Neto

No caso do presidente do BC, seu nome foi ligado à empresa Cor Assets, fundada em abril de 2004, no Panamá, com capital de US$ 1,09 milhão, tendo recebido mais US$ 1,08 milhão dois meses mais tarde. A empresa foi fechada em 12 de agosto de 2020, mas passou 18 meses presidida por Campos Neto, desde que assumiu o comando do Banco Central, em fevereiro de 2019. O presidente do BC também foi controlador da offshore Rocn Limited, nas Ilhas Virgens Britânicas, entre janeiro de 2007 e novembro de 2016.

À época, Campos Neto informou que as empresas foram declaradas à Receita Federal, tendo sido constituídas há mais de 14 anos, com rendimentos obtidos em 22 anos de trabalho no mercado financeiro. Ele afirmou não ter feito nenhuma remessa de recursos para a Cor Assets após a nomeação para a função pública. A abertura de contas no exterior e a manutenção de offshores não são ilegais, desde que declaradas à Receita Federal. No entanto, o Código de Conduta da Alta Administração Federal proíbe que membros do

FOTOS: MATEUS BONOMI/AFP; SERGIO LIMA/AFP

NA MIRA Campos Neto afirma não ter cometido ilegalidades e que declarou tudo à Receita e ao BC

alto escalão sejam administradores diretos de investimentos estrangeiros no Brasil e no exterior após assumirem funções públicas.

Nomeado para o cargo pelo presidente Jair Bolsonaro para um mandato de cinco anos, Campos Neto era reconhecido como um economista qualificado e competente, mas identificado politicamente com setores conservadores do País. Ele é neto de Roberto Campos (1917-2001), um dos mais importantes economistas e ideólogos do pensamento conservador nacional, integrando governos inclusive durante o regime militar.

ALVO PREFERENCIAL

Além do bolsonarismo, o presidente do BC foi um dos primeiros alvos políticos de Lula ao assumir a presidência, em janeiro de 2023. O presidente petista não se conformava em ter de conviver com um economista ortodoxo e que pensava exatamente contra suas ideias. Desde então, Campos Neto vem se mantendo na mira da comissão de ética do governo.

Segundo o presidente do BC, ele declara regularmente todo o patrimônio em seu nome, no país e no exterior, à Receita Federal, ao Banco Central e à Comissão de Ética Pública. Disse ter pago todos os impostos devidos, "com recolhimento de toda a tributação devida, com a observância das regras legais e comandos éticos aplicáveis aos agentes públicos", conforme nota divulgada recentemente. Ele lembra que Augusto Aras, procurador-geral da República em 2021, arquivou pedido de investigação contra ele por não ver indícios de conflitos de interesses. Sobre a decisão da Justiça Federal de cassar a liminar que impedia a continuidade da investigação na comissão de ética, seus advogados informaram tratar-se de "um caso que já foi examinado pelos órgãos públicos de fiscalização, inclusive pela Procuradoria-Geral da República, e que não constataram qualquer irregularidade tendo, inclusive, arquivada a apuração". ■

MINISTRO DA DIREITA, CONSELHEIRO DA ESQUERDA

Delfim Netto, o mais longevo e influente economista da história recente da República, foi cria dos militares e responsável pelo "milagre econômico" durante a ditadura, mas depois ajudou a criar programas sociais nos governos do PT

Hugo Cilo, da ISTOÉ Dinheiro

"O coração é um músculo programado para bater 1,4 trilhões de vezes. Quando chega isso, o músculo para"
Delfim Netto, em entrevista de 2021

Antônio Delfim Netto era um apaixonado por relógios. Tinha uma coleção com mais de 40. Gostava da capacidade mágica que engrenagens e ponteiros têm de determinar o tempo — e Delfim era especialista em contagem do tempo. Praticante do sedentarismo — com horas de sobra para reflexões, leitura de livros densos e elaboração de complexos pensamentos próprios —, dizia ser completamente avesso a atividades

DIÁLOGO E DIPLOMACIA

Uma convivência baseada na resiliência e no pragmatismo das ideias econômicas

DURANTE A DITADURA
Ministro da Fazenda, do Planejamento e da Agricultura: ele alegava que não sabia das atrocidades daquele período

FOTOS: CLAUDIO GATTI; REPRODUÇÃO; FEAUSP/DIVULGAÇÃO; TUCA VIEIRA/FOLHAPRESS; SYLVIA GOSZTONYI

físicas. A explicação era matemática. "O coração é um músculo programado para bater 1.432.729.266 vezes [para facilitar, pouco mais de 1,4 trilhão de batidas]. Quando chega nisso, o músculo para", alegou Delfim, em sua última entrevista à ISTOÉ Dinheiro, em 2021. "Então, acelerar o coração só encurta nosso tempo de vida."

LEGADO ACADÊMICO

A controversa bandeira antiaeróbica de Delfim Netto, porém, foi a menor de suas polêmicas. O mais longevo e influente economista da República transitou com desenvoltura ao longo de sua vida quase centenária em governos de direita e de esquerda. Entre 1967 e 1974, protagonizou como ministro da Fazenda o chamado "Milagre Econômico" durante a Ditadura Militar, quando coparticipou da elaboração do Ato Institucional Nº 5, o AI-5, a mais violenta e repressiva iniciativa do então governo do marechal Costa e Silva.

De 1975 a 1978, fora dos holofotes, foi embaixador do Brasil na França. Após sua volta ao País, ocupou, de 1979 a 1985, a cadeira de ministro da Agricultura. Em seguida, sob o governo de João Batista Figueiredo, liderou a pasta do Planejamento. Anos depois, questionado sobre as atrocidades dos militares naquele período, Delfim garantiu que não tinha conhecimento do lado nefasto da ofensiva do regime. "Uma vez perguntei ao presidente Médici se havia tortura. Ele me disse que não. Acreditei nele. Confiei porque era um sujeito correto, decente", disse Delfim ao jornal *O Globo*, em 2014.

Delfim Netto ajudou a elaborar políticas de incentivo a pequenas e médias empresas

Verdade ou não, em certa medida o tempo inocentou e redimiu Delfim. Nos primeiros anos do governo Lula 1, entre 2002 e 2006, tornou-se um respeitado conselheiro — algo quase exótico para um governo de esquerda, vítima dos anos de ditadura. Mas deu certo. Participou dos conselhos de criação de programas como Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida e Luz para Todos. "Passei 30 anos da minha vida xingando o Delfim Netto. Foram 30 anos. E quando eu virei presidente da República, em momentos muito difíceis, o principal economista de fora do meu partido que veio a defender o governo foi o Delfim", disse Lula, durante recente evento promovido pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

INFLUÊNCIA E HUMOR

A afinidade de Delfim com o pensamento da esquerda, segundo ele mesmo, se deu quando suas ideias econômicas tinham "essência social". Durante sua atuação na Associação Comercial de São Paulo, ajudou a elaborar e implementar dezenas de políticas de incentivo a pequenas e médias empresas, as quais Delfim considerava o motor do desenvolvimento econômico e social do país. "É inegável seu valoroso legado, que perdurará por anos", disse Roberto Mateus Ordine, presidente da Associação Comercial de São Paulo (ACSP).

Nos governos em que participou ou nos bancos acadêmicos, Delfim se tornou um dos mais influentes economistas do Brasil. "Delfim Netto foi, a meu ver, o mais influente de todos. Com permanente bom humor, ajudou nas soluções das mais complexas questões econômicas e desafios do Brasil", afirmou Maílson da Nóbrega, ex-ministro da Fazenda. Para Otaviano Canuto, diretor-executivo do Fundo Monetário Internacional (FMI), Delfim Netto, tinha um "brilhante intelecto" e exerceu forte influência sobre a formulação de políticas econômicas no país. "Como congressista, teve um desempenho melhor do que aquele como formulador e executor de políticas no setor público no tempo que esteve a cargo", disse Canuto à ISTOÉ Dinheiro.

Na segunda-feira (12), aos 96 anos, depois de dez dias internado no Hospital Albert Einstein por complicações de saúde, aquele implacável senhor da razão, o tempo, parou para Delfim. ■

GENEROSIDADE E CONHECIMENTO
Doou cerca de 250 mil livros para a Faculdade de Economia da USP (FEA), onde se formou e foi professor emérito

ESSÊNCIA SOCIAL
"Passei 30 anos da minha vida xingando o Delfim Netto", disse Lula. "Quando virei presidente, ele defendeu o meu governo"

EM FAMÍLIA
Casou-se duas vezes e teve uma única filha, Fabiana, nome inspirado pela escola britânica dos "socialistas fabianos"

DOENÇAS SEM CONTROLE

Disseminação de notícias falsas sobre vacinas e falta de informação correta entre os próprios profissionais da saúde ativam a circulação de vírus e bactérias, colocando em risco muitas vidas

Maria Ligia Pagenotto

Há cerca de um mês, o Brasil saiu da lista dos 20 países com mais crianças não vacinadas no mundo. A informação, divulgada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), foi bastante comemorada por especialistas que defendem a imunização como a principal ferramenta para controlar ou reduzir doenças provocadas por vírus ou bactérias. Afinal, o País, que por anos chamou a atenção por sua extensa cobertura vacinal, vinha enfrentando desde 2016 uma queda significativa na adesão aos imunizantes. No último ranking, em 2021, o País ocupava a sétima colocação.

Preocupado com essa posição, o Ministério da Saúde (MS) lançou, em fevereiro do ano passado, o Movimento Nacional pela Vacinação, com o objetivo de deixar claro para a população a importância das vacinas, assegurar sua eficácia e segurança, os pilares mais abalados nesse contexto. O Brasil já foi "invejado" por seu Programa Nacional de Imunizações, lançado em 1973. "O brasileiro sempre confiou nas vacinas, mas, de um tempo para cá, a hesitação vacinal ganhou corpo", diz a médica Mônica Levi, presidente da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIm).

Esse comportamento não tardou a fazer estragos. Um exemplo é a negligência em relação à vacina que protege contra difteria, tétano e coqueluche (vacina DTP). Em 2012, a coqueluche voltou a crescer, mas foi controlada após uma série de campanhas. O último pico epidêmico da doença foi em 2014, com mais de 8.500 casos confirmados.

No entanto, entre 2019 e 2023, segundo o MS, todos os 27 estados do País notificaram casos de coqueluche. Este ano, os números continuaram altos. Entre janeiro e junho, a Secretaria de Saúde de São Paulo notificou 139 casos da doença,

80%
CONTRA HPV

É a meta do MS. Os números seguem abaixo do esperado no País por preconceito e desinformação

500%
ALTA NO PR

Crescimento de casos de coqueluche em julho, no Paraná, superou muito dados do mesmo mês de 2023

NEGACIONISMO Politização da saúde durante a pandemia de Covid-19 colaborou para o crescimento da hesitação vacinal no Brasil, uma situação que precisa ser revertida com urgência, segundo especialistas

um crescimento de 768,7% na comparação com os seis primeiros meses do ano passado, quando houve um total de apenas 16 casos no estado.

No Paraná, nos primeiros 15 dias de junho, foram confirmados 24 casos de coqueluche, número que corresponde a uma alta de 500% em relação ao mesmo período de 2023. Em julho, na cidade de Londrina, ocorreu uma morte pela doença: um bebê de 6 meses, o primeiro óbito por coqueluche no Brasil depois de três anos.

O ideal é que a gestante se vacine, transferindo os anticorpos para o bebê. O imunizante está disponível no SUS. Mas a vacinação não está acontecendo como deveria, segundo a médica Isabella Ballalai, diretora da SBIm. "Apenas 30% ou 40% se vacinaram este ano." Quando ministrada na grávida, a vacina protege o bebê durante seu primeiro ano de vida. "É muito importante seguir a orientação à risca, porque 100% dos óbitos costumam ocorrer quando a criança tem menos de 3 meses."

> **"A vacinação é uma das mais eficazes ações de políticas públicas voltadas para a saúde infanto-juvenil"**
> **Clóvis Constantino**, presidente da SBP

Outro ponto de atenção é o sarampo. A vacina contra é a tríplice viral (inclui sarampo, rubéola e caxumba), também no SUS. "O Brasil havia erradicado a doença do seu território, recebeu até um certificado por isso em 2016", afirma Isabella.

Dois anos depois, a doença reaparece em Roraima, após contato de brasileiros não vacinados com venezuelanos contaminados. Depois da pandemia, segundo a diretora da SBIm, houve alguns surtos localizados de meningite menincogócica, cuja prevenção também pode ser feita por vacinação no SUS.

DESAFIO GLOBAL

A meta do Ministério da Saúde e dos profissionais comprometidos com a saúde coletiva é que a credibilidade no esquema vacinal volte a ser uma realidade. "A hesitação vacinal é um desafio global", assegura o médico Clóvis

ESPERA Ausência e despreparo de atendentes em UBS é fator que prejudica o cumprimento da vacinação

FOTOS: CARL DE SOUZA/AFP; YASUYOSHI CHIBA/AFP

ANTIVACINA Movimento, já forte em outros países, cresce com a pandemia

Francisco Constantino, presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). "Lutamos para que a população tenha clareza sobre a importância da vacinação como uma das mais eficazes ações de políticas públicas voltadas para a saúde infanto-juvenil."

A falta de informação e de comunicação, a circulação de notícias falsas e a falta de percepção do risco de contaminação são alguns dos fatores que levam as pessoas a terem receio de se vacinar ou mesmo não acharem necessário. Segundo Mônica, a confusão atinge até profissionais da saúde. "Vejo colegas perguntando se é preciso se vacinar contra a covid novamente, sendo que desde janeiro isso está sendo divulgado nos canais oficiais."

Além da circulação de fake news sobre as vacinas, segundo os especialistas da SBIm, muita gente esbarra na falta de pessoal nas Unidades Básicas de Saúde (UBS). "Há relatos de pessoas que chegam aos postos e não encontram quem os vacine naquele momento", afirma Mônica. É preciso retornar, o que nem sempre ocorre. A falta de percepção do risco de contágio é outro problema, segundo Isabela. Há ainda quem esbarre em atendentes opinando sobre dar ou não determinada vacina. A professora Carol Caetano viveu essa situação quando levou a filha para se vacinar em Sorocaba (SP) contra o HPV, vírus associado ao câncer de colo de útero e a outros tumores em homens e mulheres.

"Fiquei surpresa quando a moça me puxou de lado para dizer que achava que eu não deveria dar a vacina para minha filha - 'esse tipo de vacina pode dar a entender que as meninas podem ter vida sexual ativa', falou". O papel, então, inverteu: Carol teve de explicar a ela o caráter preventivo da vacina e sua importância. "A desinformação em relação às vacinas é relativamente nova no Brasil. Cresceu com a pandemia de Covid e com as proporções políticas que a vacinação tomou", afirma Éder Gatti, diretor do departamento do Programa Nacional de Imunizações do Ministério da Saúde (DPNI). "Disseminadores de desinformação ganharam força e isso fez um estrago muito grande." O DPNI está trabalhando, segundo Gatti, para fomentar informações positivas. "Resgatamos a figura do Zé Gotinha, popular entre as crianças, e criamos o Saúde Consciência, plataforma que monitora a desinformação", pontua.

Para quem busca informações confiáveis sobre vacinação, Mônica Levi recomenda a consulta em fontes oficiais: Ministério da Saúde, Anvisa, Fiocruz e no site da SBIm, além do endereço da Família SBIm, uma espécie de enciclopédia sobre imunizantes. ■

OPOSIÇÃO Ana Costa aponta irregularidades na eleição e no atual conselho

CONSERVADOR Francisco Cardoso é um dos médicos eleitos do CFM alinhados com a extrema-direita

EXTREMA-DIREITA QUER CONTROLE DO CFM

A gestão do Conselho Federal de Medicina (CFM) corre o risco de ficar na mão de profissionais ultraconservadores e negacionistas, segundo especialistas que se opõem aos resultados da recente eleição do órgão. No início de agosto, 400 mil médicos do País escolheram os nomes que farão parte do CFM até 2029. É esse conselho que irá escolher a diretoria e interferir em políticas públicas de saúde no País.

Médicos da oposição, como Ana Costa, contestam a eleição e pedem investigação. "Há denúncias robustas de uso personalizado de recursos públicos nesse grupo que está há 25 anos à frente do CFM", diz.

Pelo menos nove dos conselheiros eleitos são conhecidos por suas posturas ultraconservadoras. "Na pandemia, essa gestão assumiu compromissos indefensáveis, como tratamentos com cloroquina e contra vacina, indo contra a ciência", afirma Ana.

"Esse grupo foi se mostrando como um braço muito perigoso de um campo político não democrata, não associado à ciência e às boas práticas da medicina."

FOTOS: ETTORE CHIEREGUINI/AGIF; ACERVO PESSOAL; FRANCISCO EDUARDO CARDOSO ALVES/ SENADO FEDERAL DO BRASIL

CINEMA INFLAMÁVEL E GULLANE

EM COPRODUÇÃO COM MANEKI FILMS, THE MATCH FACTORY, GLOBO FILMES, TELECINE E CANAL BRASIL, EM ASSOCIAÇÃO COM BROUHAHA ENTERTAINMENT, WRITTEN ROCK FILMS, TANDEM E PANDORA FILMES

APRESENTAM

FESTIVAL DE CANNES
2024 OFFICIAL SELECTION
COMPETITION

MOTEL DESTINO

UM FILME DE KARIM AÏNOUZ

22 DE AGOSTO NOS CINEMAS

A GOSTO DO CHEF
O subchef Leôncio Pereira e o gerente de gastronomia Guillermo Teran: convidados criam versões especiais no mês de aniversário do Bar Original

CAIPIRA
De Gustavo Rodrigues e Marcelo Corrêa Bastos, do Lobozó

O pastel chegou lá

Fora da feira, o tradicional salgado frito ganha grife de chef e até loja que simula o comércio de rua. Mas a textura crocante e o ambiente democrático que resgata memórias afetivas continuam iguais *Ana Mosquera*

BOTEQUIM
De Júlia Tricate e Gabriel Coelho, do De Primeira

REPAGINADO
De Marco Aurélio Sena, do Tantin

"Carne ou queijo?" Faz umas boas décadas que os pastéis de feira não se restringem às duas opções, assim como a iguaria frita ganhou lugares além das barracas que ocupam as esquinas de cidades do Brasil. A febre invadiu os botecos, mas também lojas de shopping e restaurantes de renomados chefs de cozinha. Os lugares que o petisco vem ocupando estão tão diversificados quanto seus sabores: vegetais, frutos do mar, produtos industrializados, frutas além da banana e até pratos inteiros compõem o interior da massa frita.

No Bar Original, aberto há quase trinta anos na capital paulista, os tradicionais "carne, queijo e camarão" não deixam o menu, mas em certas ocasiões

FOTOS: MARCO ANKOSQUI

MEMÓRIA
Bruno Guedes, CEO do Pastel di Fêra: ambiente tradicional tem kombi, pombos cenográficos e inovações no menu, com rodízio de pastel e refrigerante de caldo de cana

ganham companhia de versões especiais: Alex Atala, Helena Rizzo e Paola Carosella são alguns dos chefs que já assinaram receitas para a casa. Durante todo o mês de agosto, novos nomes são os responsáveis pelos sabores exclusivos, em comemoração ao aniversário do bar histórico. O de queijo comté, cebola e vinagre de jerez do Lucas Dante, do Cepa, e o de pizza com molho à parte do Fellipe Zanuto, do Hospedaria, estão entre eles. A iniciativa faz sucesso entre clientes novos e habitués. “O botequim precisa ter os clássicos, um queijo bem temperado, uma carne suculenta, mas está aberto a novidades, como o uso de um queijo premiado”, diz o gerente de gastronomia Guillermo Teran. O subchef Leôncio Pereira se inspira na tradição para a boa execução do petisco. “Sempre gostei de pastel de feira, conhecido por ser sequinho. Eu me inspiro nele, mas busco fazer melhor.”

AO VENTO

Do mesmo jeito que os feirantes circulam por regiões das cidades em dias diferentes da semana, empresários espalham pelo Brasil negócios dedicados à iguaria. Aos 28 anos de vida, a 10 Pastéis possui 66 unidades em onze estados e no Distrito Federal e pretende encerrar o ano com mais 18 lojas abertas e receita de R$ 80 milhões. O diferencial está nas inovações: Pastel Burguer e Chilli com Nachos, massas temperadas e coloridas, e recheios como paçoca, bombom, açaí com granola e chocolate com bacon estão no menu. O bom humor tem um lado positivo, segundo o diretor e sócio-fundador Marcos Nagano: “O sucesso de vendas desses sabores diferentões mostra que o público adora experimentar o novo, e as brincadeiras acabam funcionando como uma excelente forma de divulgação”. A inclusão também é considerada: há pastéis veganos, da massa aos recheios.

Com a primeira unidade em Santo André, o Pastel di Fêra se inspira mais do que na gastronomia das barracas de rua. O negócio – que conta com três unidades próprias e oito franquias, entre Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo – replica o ambiente da feira em detalhes. Com caixas de frutas, capô de kombi e animais cenográficos, como pombos e o famoso cachorro Caramelo, o empreendimento fatura R$ 220 mil por mês.

No cardápio, há clássicos como “carne com queijo”, o mais pedido, e sorvete retrô, mas também inovações de sucesso, como o Vira-lata, refrigerante de caldo de cana feito na casa, o Pombo, milk-shake da mesma bebida, e o Poleiro, porção de tubinhos de massa frita. “Quem procura o lugar é porque não tem acesso à feira e quer resgatar uma memória afetiva, relembrando momentos de acolhimento que esse lugar oferecia”, diz o CEO Bruno Guedes. ■

DIVERSIDADE
10 Pastéis: franquia investe em sabores exóticos, como o Pastel Burguer (no detalhe), mas também em opções inclusivas, com massa e recheios veganos

FOTOS: DANTAS.DOC; DIVULGAÇÃO

SAÚDE MENTAL
A regulação no uso das telas tem como foco prevenir ansiedade, depressão e *bullying* entre jovens

Celulares banidos das escolas

Educadores estão cada vez mais atentos ao uso do dispositivo dentro das instituições, segundo a pesquisa TIC Educação 2023

Maria Ligia Pagenotto

Qual é o lugar do celular nas escolas? Em 64% dos estabelecimentos escolares de ensino fundamental e médio do Brasil, ele pode ser utilizado com restrições – em espaços e horários determinados pelos educadores. Em 28%, o dispositivo é terminantemente proibido, em qualquer situação. Esses dados integram a pesquisa TIC Educação 2023, realizada pelo Comitê Gestor da Internet do Brasil (CGI.br). O levantamento aponta que no ensino fundamental 1 a proibição tem crescido ao longo dos anos – subiu de 32% em 2020 para 43% em 2023. No fundamental 2, o banimento do celular atinge hoje 21% das escolas, contra 10% anteriormente. Entre adolescentes do ensino médio, o estudo mostra que em 8% das escolas o aparelho foi proibido.

"A questão é que o excesso de tela tem feito mal", assegura Carolina Delboni, educadora. "As crianças estão brincando menos, pois estão menos expostas a espaços externos".

Ela cita o livro A Geração Ansiosa (Companhia das Letras), do psicólogo americano Jonathan Haidt. "O uso das redes sociais está entre as principais causas de transtornos mentais em crianças e adolescentes. Afeta a auto-estima, pois os jovens ficam se comparando e pode gerar bullying", diz Carolina. Isso acaba por levar à anorexia, bulimia, vigorexia. As telas podem provocar ainda a privação do sono. Sem dormir bem, o aluno tende a ficar desatento. "É importante que o controle seja feito em parceria com as famílias", destaca o coordenador de tecnologia do Colégio Santa Marcelina no Rio de Janeiro, Emerson Francisco dos Santos.

O vício em telas se intensificou no período da pandemia, atingindo adultos. "Estamos trabalhando agora no sentido de conscientizar todos sobre a importância de ter regras para sua utilização", diz Santos.

Na rede Santa Marcelina, composta por 5 mil alunos, o aparelho é proibido na educação infantil. Conforme o aluno cresce, o uso é estimulado dentro de um contexto pedagógico, com orientação do educador.

"Os celulares ficam nas mochilas, longe dos estudantes. Os jovens podem pegar o equipamento na hora do intervalo, mas só acessam pelo wi-fi o que a escola permite", explica Santos.

Nas escolas públicas, a preocupação é a mesma. Caroline afirma que tem visto muitos trabalhos importantes de conscientização nesses espaços. "Acho que a proibição não funciona. É preciso educar e discutir em grupo a questão do celular, é dessa forma que o jovem se engaja", acredita. ■

FOTO: AGÊNCIA RBS

Clube de Revistas
TRES
AS MELHORES
DA DINHEIRO
Seja a próxima
referência
de mercado
Posicione sua empresa como referência
no segmento destacando suas
práticas, o compromisso com
a sociedade e a busca contínua pela
excelência. Participe do Prêmio
As Melhores da Dinheiro.
Pioneiro na inclusão de questões
ambientais, sociais e de governança,
com uma metodologia consagrada,
o Melhores da Dinheiro é o mais
abrangente, criterioso e tradicional
prêmio concedido pela imprensa
às empresas que se destacaram
em seus setores.
O resultado da 21ª edição será divulgado
em um número especial da ISTOÉ
Dinheiro, a principal revista semanal de
Economia, Negócios e Finanças do país.
Inscreva-se até 15 de setembro de 2024
em: asmelhoresdadinheiro.com.br
ISTOÉ
Dinheiro

Sob tela

O chamado ponto telado ganha espaço na Europa e conquista o gosto dos brasileiros. Grifes nacionais o incluem em peças de crochê, tricô, renda ou fios entrelaçados, que podem ser usadas de modo isolado ou em sobreposições

Ana Mosquera

As roupas com padronagem que remete a uma tela encontram-se em alta. Além de estarem em evidência entre as grifes dinamarquesas destacadas na Semana de Moda de Copenhagen – são algumas delas Munthe, Gestuz e Rotate –, as telas vêm tomando o visual de espectadores que circundam os eventos mais importantes da moda mundial. No Brasil, um número significativo de marcas artesanais investem nos modelos, com linhas dedicadas às técnicas de entrelaçamento. Na coleção Dualismo, da grife Viviane Furrier, o ponto telado é protagonista em roupas que vão bem do resort ao espaço urbano. A escolha por dar esse destaque vai

SEM REPETIÇÃO
Trama aberta: vestido em crochê com fibra de palha de bananeira feita por associação de artesãs parceira da marca brasileira Marina Bitu (à esq.); em sobreposições nas passarelas da Munthe, na Copenhagen Fashion Week (acima); motivos florais são destaque em desfile da Rotate em um jardim, no mesmo evento mundial na capital dinamarquesa (à dir.)

além da inspiração internacional. “Foi explorada pela nossa expertise, que nos possibilita a criação de pontos telados diversos e inovadores, por meio dos diferentes fios utilizados”, diz a diretora criativa Viviane Furrier.

Em um misto de ousadia e discrição, a estrutura telada garante diversidade de cores, tecidos e desenhos. O entrelaçamento permite tramas mais abertas ou fechadas, assim como sua disposição pode formar desenhos repetidos — círculos, quadrados, hexágonos, flores e abstrações estão dentre as formas que compõem a nova tendência. “Temos visto linhas retas e acabamentos sofisticados ou linhas curvas e acabamentos mais orgânicos, com brilhos e detalhes”, diz Manu Carvalho, estilista, consultora de moda e coordenadora do curso de fashion styling do Istituto Europeo di Design, o IED. Assim como podem ser usadas sobrepostas a outras, as peças funcionam bem sozinhas.

A sócia-fundadora da agência DOISUM, Gabriela Ajala, é adepta da tendência, sobretudo pela versatilidade com que as roupas vazadas atravessam as estações: “Adoro usar vestido por cima da calça ou colocar uma segunda pele colorida por baixo. Eu tenho outra peça que também tem essa aparência, só que é metalizada, e que já usei de diversas formas”. O ponto telado reina em cores neutras, mas também ganha holofote entre as mais chamativas — como o verde brat do modelo da Coven do guarda-roupa de Gabriela. Na coleção Teorema, do Verão 25, a marca brasileira traz referências geométricas, do neoconcretismo aos origamis, segundo o site oficial da marca brasileira.

VERSATILIDADE
Cores, tecidos e desenhos: tricô com furos médios da coleção Dualismo, da grife Viviane Furrier (acima); modelo em renda misturado ao streetwear, nas ruas de Copenhagen (à esq.); vestido verde brat da grife nacional Coven, usado pela empresária Gabriela Ajala em visita à exposição de arte (abaixo, à esq.); desenhos abstratos em roupa da dinamarquesa Gestuz (abaixo, à dir.)

ODE AO MANUAL

“São peças que representam o fio tecedor das histórias que formam a nossa sociedade, a existência dos povos originários e dos colonizadores, que resulta na construção do grupo que hoje habita o território brasileiro”, diz a estilista Marina Bitu, cujo portfólio possui, entre outras peças, modelos em crochê feito de fibra de palha de bananeira por um grupo de artesãs parceiro. Não é raro relacionar a volta do artesanal às crises, sejam elas econômicas, sanitárias ou ambientais, mas é indissociável sua relação com a chegada agressiva da moda industrial, da era digital. “A valorização do artesanal é recorrente, sobretudo nos altos picos de avanços tecnológicos, como a inteligência artificial, para fazer um contraponto”, diz a coordenadora do IED, Manu Carvalho. A questão do upcycling também está entremeada à moda das tramas. “Por meio de acabamentos em crochê, bordados e aplicações, peças paradas em estoque ou que não seriam mais utilizadas pelo consumidor ganham um visual contemporâneo, reduzindo o descarte de materiais”, diz Ana Júlia Buttner, professora do Hub de Moda e Luxo da ESPM. ■

FOTOS: MARINA BITU/DIVULGAÇÃO; LUIZA ANANIAS; RACHEL PONTES. REPRODUÇÃO INSTAGRAM: @JAMESCOCHRANEPHOTO; @CPHFW

TITÃS

Branco Mello, Sergio Britto e Tony Bellotto

ÉRAMOS OITO Branco Mello, Sergio Britto e Tony Bellotto no estúdio onde registraram *Microfonado*, conjunto de sucessos quase acústico com convidados

"NUNCA FIZEMOS MILITÂNCIA NO PALCO"

Por Luiz Cesar Pimentel

Para comemorar 40 anos de banda, em 2022, os três Titãs remanescentes dos oito originais convocaram o restante da turma e se reuniram no palco após 30 anos. Voltaram à gangue Nando Reis, Arnaldo Antunes, Paulo Miklos e Charles Gavin — Marcelo Fromer, que faleceu em 2001, foi substituído pelo constante produtor da banda, Liminha. Era para serem 10 shows, que se transformaram em 20, 30 e a turnê *Encontro* cresceu, passou por 16 estados em dois anos, viajou para Portugal e EUA e terminou com 50 apresentações, lotando estádios e consagrando o grupo como o maior brasileiro no gênero. Mas eles desmontaram a estrutura superlativa e voltaram ao estúdio em projeto ambiciosamente oposto — gravar canções pinçadas do repertório, não obrigatoriamente hits, em versões quase acústicas e com convidados pouco usuais aos palcos roqueiros, como Ney Matogrosso e Preta Gil. Tony Bellotto, Sergio Britto e Branco Mello, os três resistentes titãs, conversaram com a ISTOÉ e contaram o que os motivou ao registro *Microfonado* e o que os motiva a seguirem, 42 anos depois.

FOTOS: TONY SANTOS; DIVULGAÇÃO

Vocês vieram de uma turnê que os consolidou como a maior banda de rock do País e no movimento seguinte voltam para uma coisa intimista. O que motivou essa decisão?

Tony Bellotto — Manter essa reputação de maior banda de rock do Brasil por tanto tempo não é uma coisa fácil. A gente desde o começo sempre aceitou esses desafios majestosos e monumentais. Fizemos uma reunião com os integrantes originais e foi bom em todos os sentidos, não só comercialmente, pois mantemos relação muito boa e resolvida. Quando acabou a turnê, sentimos naturalmente uma vontade de fazer algo diferente, justamente para afirmar essa essência do que são os Titãs. O contrário do estádio é fazer show em teatro, com as pessoas sentadas. Queríamos mostrar mais uma vez como somos plurais e diversos.

Sergio Britto — É muito bom você poder sair daquilo que está pré-programado e buscar caminhos diferentes. Em nossos 40 e poucos anos de carreira é fundamental para manter a atividade artística viva e um certo frescor.

"A gente exerce uma coisa que o Bob Marley chamava de *rebel music*, a música de rebeldia, que vai além da questão de protesto"

Os Titãs sempre foram cronistas musicais da época em que estavam. Atualmente, qual é a crônica que vocês escrevem com o *Microfonado*?

TB — Tem vários elementos nas nossas canções que dão pistas. *Olho Furta-Cor* é sobre essa diversidade, esse momento que enxergamos o mundo como algo de fé, mais aberto. Mas falamos de outras coisas, como a pandemia, o isolamento das pessoas. Têm algumas canções que abordam o tema da polarização. Assim como a preservação do meio ambiente. Algumas são temporais e outras são mais pessoais. Continuamos fazendo a crônica do nosso tempo, talvez não de uma maneira fechada, como no (disco de 1986) *Cabeça Dinossauro*, mas tratamos de vários assuntos pertinentes para o tempo em que a gente vive.

SB — Acho muito pertinente captarmos instantâneos fotográficos da época que estamos vivendo, mas é interessante quando retomamos um sucesso antigo, como é o caso de *Marvin*. Quando fazemos uma versão dela com o Vitor Kley, não estamos somente repetindo uma crônica, mas dando um formato diferente e falando com novas gerações, como se tivesse sido composta atualmente.

O grupo sempre teve o protesto como combustível. Vocês começaram durante a ditadura, tendo contra o que protestar. Atualmente, o que os motiva a protestar?

TB — Não é só protesto o nosso combustível; tratamos de qualquer assunto. Temos canções de amor, sobre o cotidiano, prosaicas e algumas com a nossa visão de mundo, da sociedade. Muitas dessas canções, inclusive, continuam extremamente atuais. Ainda temos os mesmos motivos e mais alguns para protestar, porque nada mudou tão substancialmente. Fazer isso hoje é mais complexo, porque o que caracterizava a direita e a esquerda ficou mais obscuro e o mundo ficou mais maniqueísta. Portanto, certas questões, não conseguimos mais tratar da maneira como tratávamos. As coisas óbvias não são mais tão óbvias quanto pareciam. Sempre nos preocupamos em não sermos panfletários, nunca fazermos militância em cima do palco. Até porque é pouco eficiente.

O que seria eficiente, então?

SB — Comentamos o que acontece na sociedade, com o nosso olhar, e às vezes o olhar é de dúvida, às vezes é mais uma pergunta do que uma afirmação. A gente não se priva de abordar qualquer assunto, nem em dar nossa opinião. Por mais difícil que isso seja hoje, porque as pessoas só querem ver de que lado você está. Qualquer sutileza, complexidade fica perdida nesse pensamento polarizado. A gente exerce uma coisa que o Bob Marley chamava de *rebel music*, a música de rebeldia que vai além da questão de protesto. Tem mais a ver com expressar suas dúvidas, suas questões. Nossa primeira opção sempre é a estética e não a panfletária. Quando convidamos o Major RD para cantar junto com a gente *Cabeça Dinossauro* e inserir um texto na letra, estamos exercendo a nossa rebeldia, no sentido de dar voz para um garoto da nova geração do rap que tão bem exemplifica o que era o rock quando começamos.

Vocês continuam sendo agentes transformadores sociais por meio da arte. Diante do rumo das coisas, vocês enxergam que esse legado vai seguir no Brasil?

TB — Isso continua acontecendo em lugares que não estão sendo exatamente observados nesse sentido. Por exemplo, o Major faz um rap basicamente de protesto, com vocal quase gritado. Ele lançou uma música recentemente e fez um texto dizendo: "ó, não tem dancinha, não tem TikTok, não tem nada e mesmo assim, alcançou um número gigantesco de visualizações". Então ele é um jovem de um universo do qual não participo, mas que com certeza tem essa preocupação e está fazendo algo. A mesma coisa você vê em relação aos costumes, à diversidade, como a sociedade vai ficando mais permissível e aberta a muitas coisas que não era. Essa é uma pauta muito atual, é uma reivindicação que tem acontecido e tem aberto espaço para muitas pessoas.

SB — O mundo mudou muito, nesses quarenta e dois anos da nossa carreira. Houve uma transformação radical e também **>>**

as nossas transformações individuais. Mas ainda temos uma essência do nosso fazer artístico que permanece parecida. Essas questões se colocam para a gente sempre que vamos fazer um novo trabalho ou compor. Talvez o rock tenha perdido um pouco essa capacidade de ser o porta-voz principal da rebeldia, mas o rap exerce isso muito. Eu acho que essa força permanece tanto no nosso trabalho como em muitos artistas. Porque ao mesmo tempo que existe um crescimento do conservadorismo, por outro lado as pessoas também estão se colocando mais.

Vocês começaram em oito, hoje são três, mas o grupo tem um eterno espírito gregário, sempre com convidados, ex-integrantes. Isso é algo que vocês consideram?

SB — No nosso caso é intencional, gostamos e passamos a achar isso uma virtude. Esse lance de ter cinco cantores, diversos compositores na banda, é a nossa grande virtude. Nunca tivemos problema em colocar outras pessoas em destaque. Na MPB, que tem característica de lidar com grandes nomes, a coisa centraliza muito em apenas uma pessoa. Temos essa característica de banda de rock, que é de um lance mais colaborativo. Isso gera muitos frutos, que se perdem se você funcionar de uma maneira mais burocrática. Somos uma banda, isso é muito importante na compreensão do que são os Titãs. Depois que o Arnaldo (Antunes, o primeiro integrante original a sair, em 1992) saiu, esse espírito gregário, coletivo, se impôs de uma forma impressionante. Existem muitas vantagens nessa dissolução de ego que você é obrigado a exercitar quando trabalha em banda.

TB — Até em relação à turnê de encontro, que juntou ex-titãs que lidam com carreiras solos, percebi que eles apreciaram estar de volta na dinâmica de banda, de funcionar coletivamente. Isso foi legal neste *Microfonado*. Chamamos as pessoas mais diferentes possíveis e elas entram e fazem parte da banda naquele momento, de Ney Matogrosso a Cyz Mendes. Para nós é muito satisfatório.

Vocês mantiveram a banda em alto nível durante todos esses anos, nos 16 álbuns de estúdio. Não vou perguntar por que os outros saíram, mas por que vocês três continuaram como Titãs?

SB — São respostas individuais. No que me diz respeito eu também já tive vários momentos de pensar: "Será que a banda ainda incentiva a minha vida?". Porque eu componho muito, tenho uma carreira solo paralela e às vezes tenho vontade de dedicar mais tempo a essa parte sozinho. Essa é uma dúvida que sempre tive e minha resposta é de que eu gosto de trabalhar dessa maneira gregária, porque acho que contribui para o meu crescimento e tem certas coisas que são exclusivas de grupo de rock. Existe essa cumplicidade de olhar crítico que você só tem quando faz parte de uma banda e eu ainda não perdi a vontade de trabalhar dessa maneira, então quando ponho as duas coisas na balança, quero as duas. Por esse motivo, fui ficando. O que temos feito me satisfaz, a gente não é uma banda burocrática; talvez se fosse, eu teria saído.

TB — É, eu também me coloco assim. Eu nunca questionei na minha vida não fazer parte da banda. Nunca me imaginei em uma carreira solo nem me imagino até hoje. Eu comecei a tocar guitarra por causa do Jimi Hendrix, que é um nome solo, mas os guitarristas que mais admiro são de banda, como o George Harrison (Beatles). Para mim, fazer parte de uma banda é muito positivo, quando as coisas dão certo, as glórias são divididas igualmente, a gente tem com quem comemorar e dividir, e quando dão errado temos com quem compartilhar. A colaboração é uma coisa fantástica. Eu nem consigo me imaginar em algo que não seja tocar neste grupo.

BRANCO MELLO — É muito bom trabalhar com amigos, é difícil mas é prazeroso — tocar, fazer música é um barato. Não tem porque sair. Eu tive um problema de saúde, de voz, permaneci e adoro continuar com a banda.

Vocês já conquistaram aparentemente tudo o que vocês poderiam — de Grammy a vendas multimilionárias de discos. O que ainda falta para os Titãs alcançarem?

TB — Acho que não existe essa sensação de que já conquistamos tudo na profissão, este sentimento não me acomete em nenhum momento. Quando fomos fazer o show em Belo Horizonte do *Encontro*, o Paul McCartney estava no mesmo hotel. De repente vi esse homem passando para ir se apresentar e pensei: "Ele já conquistou tudo, é milionário. Por que ele está em Belo Horizonte para fazer um show?". Não é porque ele precisa, mas porque ele tem que fazer isso. Minha resposta é essa, eu olho para o Paul e penso que não tenho o direito de achar que conquistei tudo se ele ainda está batalhando em Belo Horizonte.

SB — Para mim, não existe a questão de conquista, mas de ter prazer ou não. A minha prioridade é ter prazer com o que faço, toco e componho. Quando faço uma nova canção e acho que ela está bem feita, isso me dá um prazer que não tenho em quase mais nada na vida. Eu nunca abriria mão disso, por nada na vida. É realmente uma paixão e obsessão que me movem.

BM — A gente gosta, e a gente faz. Por isso que estamos juntos também. ■

> "Olho para o Paul McCartney e penso que não tenho o direito de achar que conquistei algo se ele ainda batalha em BH"

FOTO: KAMIL KRZACZYNSKI/AFP

A máquina de fraudes ligada ao PCC

Mais de 500 postos próprios, uma formuladora, 4 usinas de etanol e quase a quarta maior força na distribuição de combustíveis do Brasil

Leandro Mazzini

Poderia ser a descrição de um grupo empresarial de sucesso, mas segundo as autoridades brasileiras é uma de engrenagem de fraudes que teria ligações próximas à principal facção criminosa do Brasil. Mesmo não aparecendo como sócios, Mohamad Hussein Mourad e Roberto Augusto Leme da Silva – conhecido vulgarmente como Beto Louco – são apontados pelo MP estadual como verdadeiros donos do Grupo Copape.

Mohamad foi recentemente denunciando por lavagem de dinheiro e falsidade ideológica justamente na operação de aquisição das cotas sociais do Grupo Copape. Em um detalhado trabalho, o MP paulista esquadrinhou o caminho dos recursos duvidosos. Também esmiúça a grande quantidade de pessoas e estruturas societárias das quais Mohamad se utiliza para driblar as autoridades. Uma dúvida que ainda está no ar é sobre a origem dos recursos utilizados por Roberto Augusto Leme da Silva para comprar as sua participação na Copape. Fala-se no mercado que a dupla teria pago R$ 100 milhões aos antigos proprietários do Grupo. O MP já identificou R$ 52 milhões de Mohamad, tendo sido inclusive o motivo para denúncia por lava-

COMBUSTÍVES Copape teve o registro suspenso pela ANP, mas a GT Formuladora, do mesmo grupo, "driblou" a fiscalização e conseguiu um inexplicável aval da Secretaria de Fazenda paulista para operar

OMISSÃO Mais que uma questão de segurança pública. E autoridades sabem disso e nada fazem

gem de dinheiro — desta forma, de onde vieram os R$ 48 milhões?

Beto Louco não tinha nenhum negócio formal de grande porte até se transformar em dono da Copape. Certamente seu imposto de renda não detém justificativa para compra de 50% das cotas da formuladora e é pouco provável que ele tenha obtido esse recurso por meio de empréstimo bancário. Ele também foi denunciado na Operação Ariana, flagrado por agentes da PRF e MP importando gasolina como se fosse nafta e a misturando com solvente em uma base clandestina no interior paulista. Essa fraude na importação de gasolina como se fosse solvente é uma das fraudes investigadas pelo MPE nas operações da Copape.

Ainda na operação Ariana, que denunciou Beto Louco, um outro denunciado mostra enorme preocupação na origem dos recursos depositados por Beto Louco em sua empresa: ele envia para seu funcionário reportagem sobre Operação Rei do Crime, que prendeu vários empresários do mercado de combustíveis ligado ao PCC, e destaca para tomar cuidado com os recursos oriundos das contas de Beto. Segundo o próprio MPE, isso seria um forte elemento que comprovaria a ligação de Beto Louco com a facção criminosa. No próprio inquérito que investiga a Copape, o MP deixa evidenciado que essa seria uma das linhas de investigação.

Em uma pesquisa com todos os nomes citados pelo MPE como pessoas ligadas a Mohamad, é possível identificar pelo menos 200 postos de gasolina, ativos no estado de São Paulo. O próprio governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, em discurso em Nova York, destacou sua preocupação com o PCC que controlaria mais de 1.100 postos em São Paulo.

Porém, enquanto autoridades federais e de outros Estados fecham o cerco contra o Grupo Copape – que teve seu registro suspenso pela Agência Nacional de Petróleo devido às fraudes realizadas pela companhia –, as autoridades paulistas não demonstram a mesma determinação. Mesmo com o cerco da ANP, uma situação inexplicável: a Secretaria da Fazenda de São Paulo concedeu inscrição estadual para o mesmo grupo, a GT Formuladora, apesar da legislação bem severa sobre concessão dessa inscrição. Até quando a Secretaria iniciou o processo de cassação da inscrição da Copape pelas fraudes identificadas, o mesmo órgão concedeu a inscrição para a GT, algo surreal para quem conhece a legislação.

O mesmo acontece com os postos de gasolina do grupo, mesmo após o MPE ter detalhado de forma minuciosa todas as pessoas e empresas que são utilizadas por Mohamad para "alaranjar" suas empresas. As autoridades paulistas não fizeram nenhum movimento para tentar cessar as atividades desses postos. E o consumidor na rua continua a correr risco. ■

FOTOS: DIVULGAÇÃO

CULPADO O Vesúvio ao fundo das ruínas ainda mantidas, como há 2000 anos, da cidade romana

ESTÁTUAS Lava que envolveu os corpos virou registro em pedra

Pompeia, a história nunca contada

Monte Vesúvio teve ajuda extra de um terremoto na destruição da cidade romana, na Itália, no ano 79 D.C. A descoberta muda a narrativa da aniquilação total pela lava vulcânica

Carlos Eduardo Fraga*

Durante quase 2.000 anos acreditou-se que a destruição de Pompeia foi 100% culpa da erupção do Vesúvio. Inicialmente, rochas vulcânicas choveram sobre a cidade por 18 horas, sufocando uma boa parte dos moradores, derrubando construções e soterrando outros, matando de 15% a 20% da população. Algumas horas depois, uma massa de gás quente e cinzas cobriu toda a região, ceifando a vida de quem sobreviveu. Mas agora, de acordo com estudo publicado na revista *Frontiers in Earth Science*, realizado por uma equipe do Instituto Nacional de Geofísica e Vulcanologia da Itália, a percepção mudou. Junto à atividade vulcânica, aconteceu um terremoto entre a chuva rochosa e a erupção do monte, que aumentou significativamente a dimensão da catástrofe.

A descoberta aconteceu ao encontrarem, durante uma escavação na Insula dei Casti Amanti, no centro da cidade, dois esqueletos do sexo masculino que se diferenciavam dos restantes. Após os restos mortais serem analisados, a equipe constatou que os indivíduos não tinham sido mortos sufocados ou incinerados pelos gases do Vesúvio, mas esmagados pelas paredes de suas casas. Os corpos estavam em cima de uma camada de rochas vulcânicas que havia entrado na residência por uma janela, sugerindo que haviam sobrevivido à erupção e buscado abrigo.

O único relato conhecido da tragédia foi escrito pelo governador imperial da Bítinia (província romana situada no noroeste da Ásia Menor), Plínio, o Jovem, que observou o ocorrido do outro lado da baía do vulcão e descreveu tremores violentos no solo após a erupção inicial. , Até hoje não havia, contudo, nenhuma evidência científica de mortes causadas por terremotos nas ruínas da cidade romana. "Nós juntamos as peças, como um quebra-cabeça. Todas as evidências apontam para um terremoto que ocorreu após a primeira fase da erupção, mas antes que as massas de gás quente e cinzas varressem a cidade", afirma o chefe da equipe que comandou a descoberta.

A ocorrência do abalo sísmico, agora revelado, afetou significativamente as escolhas feitas pelos moradores sobreviventes da destruição inicial, já que durante o tremor muitas pessoas podem ter tentado escapar de seus refúgios e acabaram atingidas pelas correntes de cinzas e gases vulcânicos, que muitas vezes são mais mortais do que a própria lava. ■

Estagiário sob supervisão de Luiz Cesar Pimentel

FOTOS: LUIZ CESAR PIMENTEL

TOKIOMARINEHALL.COM.BR

CURTA O MOMENTO!
A TOKIO MARINE SEGURADORA
CUIDA DE TUDO.

Cia. Aérea Oficial: Azul

Mídia Partner: uol

Apoio: ESTANPLAZA HOTELS | shift Mobilidade Corporativa | CONSIGAZ | CRISTÁLIA Sempre um passo à frente...

Realização: grupo Tom Brasil | TOMHACK

Seguimos todos os protocolos internacionais de segurança e higienização. Menores de 16 anos somente acompanhados dos Pais ou Responsável Legal.
Os descontos não são válidos para meia entrada. Pré-venda (mínimo de 48 horas de antecedência do público geral) exclusiva para segurados ou colaboradores da Tokio Marine Seguradora S.A. ou corretores cadastrados no Portal do Corretor. Na pré-venda os 50 primeiros segurados ou colaboradores ou corretores têm direito a compra de 04 ingressos, por CPF, com desconto exclusivo de 50%. Atingidos os 50 primeiros CPFs e ainda estando dentro das 48 horas da pré-venda, segurados ou colaboradores ou corretores terão 20% de desconto até o limite de 30% da carga de ingressos. Após a pré-venda será aplicado o desconto de 20% para segurados ou colaboradores ou corretores, não cumulativo com outras promoções e limitado a 4 ingressos por CPF. Segurados passam a ter direito ao desconto um dia após a emissão da apólice e até o término da vigência do seguro. Seguros adquiridos por meio de apólices coletivas, certificados e bilhetes não participam da promoção. Todos os descontos desse regulamento são aplicados no valor do ingresso na data da compra e NÃO são cumulativos com outros descontos e outras promoções. A compra da meia-entrada é pessoal e intransferível e a legitimidade está condicionada à apresentação dos documentos que comprovem esta condição na entrada do espetáculo, conforme LEI Nº 7.844 DE 13 MAIO DE 1992. Capacidade máxima = 4.900 pessoas | Alvará Prefeitura:2024/02785-00 Val:16/05/2025 | Alvará Bombeiro: nº 605304 Val:06/10/2024. R. Bragança Paulista, 1281 | www.tokiomarinehall.com.br | GRUPOS: (11) 5646.2120

MINISTÉRIO DA CULTURA e TOKIO MARINE SEGURADORA apresentam:

VOCÊ É MÚSICO?
INSCREVA-SE!
PREMIAÇÃO
+ DE R$200 MIL
EM DINHEIRO

Inscrições e mais informações
WWW.PREMIODAMUSICAINSTRUMENTAL.COM.BR

Curadoria:

Patrocínio:

Realização:

MINISTÉRIO DA CULTURA

Gente

por Ana Mosquera

Nenhum segredo aos 50

Preta Gil vem comemorando meio século de vida em alto estilo. Além da festa de arromba que deu para amigos, familiares e famosos no Rio de Janeiro, a cantora carioca acaba de lançar sua autobiografia, *Preta Gil: Os Primeiros 50* (Globo Livros). Em seu primeiro livro, a filha de Gilberto Gil abre o jogo sobre a vida, sobretudo com relação às situações mais difíceis que enfrentou nos últimos anos: um câncer e uma traição simultâneos. Em relatos inéditos, Preta conta que o ex-marido, o personal trainer Rodrigo Godoy, não a acompanhava nos tratamentos e até colaborava para suas crises, tendo sido o responsável pelo fim do casamento antes mesmo de estourar a bomba da traição. Quando ela veio à tona, a artista revela que sofreu uma tentativa de silenciamento por parte de Godoy. "Fiquei destroçada. Não conseguia dormir, passei a ter crises de ansiedade e a ser medicada para controlá-las. Além de tudo, seu desejo era me silenciar. Acontece que eu não posso me calar", disse, em trecho da obra.

Próxima parada: Los Angeles

Não era pássaro, nem esportista. No encerramento das Olimpíadas, foi **Tom Cruise** *que ocupou os céus de Paris, em um rapel de 46 metros no Stade de France. Em referência a* Missão Impossível*, a aterrissagem do ator hollywoodiano representou a passagem do bastão ao local da competição de 2028. "Quando uma cerimônia fecha, a próxima começa. Obrigado, Paris! Agora vamos para Los Angeles", publicou. Presente nos jogos, o ator tem se afastado da família. Sua filha com Katie Holmes, Suri, abandonou o sobrenome do pai, que deixou de pagar pensão assim que ela fez 18 anos — a fortuna do astro é cotada em US$ 600 milhões.*

FOTOS: REPRODUÇÃO INSTAGRAM @PRETAGIL; MEHMET MURAT ONEL/ANADOLU/AFP; MANUELLA MELLO/GLOBO; @BLAKELIVELY; ARNOLD JEROCKI/GETTY IMAGES/AFP; @_NABUCO

Suspense na estreia

Adriana Esteves tem o segundo semestre marcado por estreias, no streaming e na TV aberta. Na próxima trama da Globo, *Mania de Você*, ela viverá a misteriosa Mércia, que abandonou o filho que teve com o ex-namorado. O reencontro será duplo: além de interpretar novamente a mãe de Chay Suede – a primeira vez foi em Amor de mãe –, ela volta a ser dirigida por João Emanuel Carneiro — mentor de Carminha, sua vilã de *Avenida Brasil*. Em clima de mais suspense do que a trama que sucede Renascer, ela ainda retorna como uma das protagonistas na segunda temporada de *Os Outros*, série da Globoplay que aborda as relações conturbadas entre vizinhos em um condomínio.

Apaixonada pelo Brasil

A atriz norte-americana **Viola Davis** *já é quase cidadã brasileira. A ganhadora do Oscar não cansou de se manifestar sobre as medalhas de Rebeca Andrade em Paris. "Eu celebro você, Brasil! Rebeca, você é uma luz! Essas são as imagens mais bonitas de espírito esportivo, respeito e amor!", publicou em suas redes. A artista e o marido, o ator e produtor Julius Tennon, já têm até uma produtora audiovisual em Salvador, a Axé, que é uma ponte entre o Brasil e Hollywood. Nas horas boas ou ruins, os olhos de Davis estão voltados ao País: ela se compadeceu com as famílias das vítimas do acidente aéreo de Vinhedo, em outra publicação.*

Caminho de adulto

Pedro Manoel Nabuco vive um dos papeis mais intensos da carreira. Na série *Pedaço de Mim* (Netflix), ele é Mateus, filho da protagonista vivida por Juliana Paes, que tem gêmeos de pais diferentes — um deles fruto de violência. "O Mateus e o Marcos [Zé Beltrão] têm um papel delicado na história, pois eles não sabem o que houve com a mãe. Não podemos julgar comportamentos, porque eles são parte da trajetória de acolhimento dela", disse à **ISTOÉ**. Também no elenco de Betinho: No *Fio da Navalha*, ele tem no horizonte produções autorais. O ator tem a quem puxar: ele é filho da atriz e diretora Carmen Leonora Nabuco, vencedora do Prêmio Shell de Teatro, falecida em 2013.

Bons frutos

Depois de lançar sua marca de bebidas não-alcoólicas Betty Buzz, Blake Lively acaba de colocar no mundo a própria linha de beleza Blake Brown, gestada há sete anos. Além do novo empreendimento, a atriz está em turnê de lançamento do filme *It Ends With Us*, do qual é protagonista e produtora. Por interpretar a florista Lily Bloom, Blake escolheu uma série de looks com flores para comparecer aos eventos de divulgação do longa. Mas nem tudo é primavera em torno da produção: além do conflito vivido com o personagem de Justin Baldoni na trama, os dois parecem ter desarranjos, ainda que leves, na vida real — ele também é diretor do filme que já está nos cinemas do Brasil.

A FORÇA DA ENERGIA ALTERNATIVA

AVANÇO Complexo Sol do Piauí, no município de Curral Novo do Piauí (PI): projeto combina painéis solares e fazenda eólica

Ao se destacar na produção de fontes híbridas de origem renovável, Brasil tem a oportunidade de se firmar como uma potência do setor e enfrentar com mais segurança desafios econômicos e sociais *Mirela Luiz*

Após o apagão de 2001, que expôs as fragilidades da matriz energética brasileira, o governo federal intensificou esforços para diversificar suas fontes. Hoje, o Brasil se destaca como um dos líderes mundiais no setor da energia renováveis, impulsionado por sua localização privilegiada e proporções continentais que oferecem um potencial excepcional para painéis solares e fazendas eólicas, especialmente no Nordeste. A contribuição dessas fontes, porém, ainda é tímida na composição da matriz elétrica nacional.

A energia híbrida, que combina a geração solar e eólica, surge como uma alternativa viável e sustentável para o futuro energético do Brasil. Esse formato não apenas responde às demandas climáticas, mas também abre oportunidades econômicas promissoras. Segundo a Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL), em 2022, o País alcançou 18,8 GW de capacidade instalada em energia solar e 22,8 GW em eólica. A meta do governo é que, até 2030, quase metade (48%) da matriz energética seja composta por fontes renováveis.

Henrique Barbosa, gerente do complexo Eólico da Auren Energia, empresa oriunda da integração entre a Votorantim S.A. e o CPP Investments, ressalta a importância da combinação dessas fontes. O complexo híbrido Sol do Piauí foi o primeiro projeto desse tipo aprovado pela Aneel e serve como modelo para futuras iniciativas. "A sinergia de diferentes fontes para potencializar a produção é uma das premissas para o nosso portfólio. O parque híbrido é

FOTOS: PAULO GUIMARAES/PINGUIM PICTURES

EMPODERAMENTO Associação Mulheres Fortes: geração de renda e comercialização de produtos locais

exemplo disso. O modelo deve ser replicado no futuro por empresas que tenham como objetivo agregar mais eficiência à geração de eletricidade renovável", afirma Barbosa.

Os benefícios econômicos da energia híbrida são substanciais. Um estudo da Bloomberg New Energy Finance (BNEF) indica que projetos híbridos podem reduzir custos operacionais em até 20%, otimizando a geração e minimizando a dependência da rede elétrica em horários de baixa produção solar. Francisco Silva, diretor técnico da Associação Brasileira de Energia Eólica (Abeeólica), destaca que a união das duas fontes em um mesmo projeto traz vantagens significativas para geradores e consumidores. "Todos os grandes geradores de energia eólica e solar têm analisado a possibilidade de desenvolver projetos de usinas híbridas pois, tanto para geradores, como para consumidores, trata-se de uma questão de economia", avalia.

"O modelo deve ser replicado por empresas que queiram agregar eficiência à geração de eletricidade renovável"
Henrique Barbosa, gerente da Auren Energia

Os investimentos na energia híbrida estão em ascensão, com 93,79% da nova capacidade gerada em 2024 proveniente de fontes limpas. As usinas solares fotovoltaicas foram responsáveis por 49,23% dessa potência. Rodrigo Sauaia, presidente da Associação Brasileira de Energia fotovoltaica (Absolar), enfatiza a versatilidade da iniciativa, que pode ser combinada com diferentes tecnologias, aproveitando o recurso natural excepcional em todo o País. "Graças a sua versatilidade, a energia solar fotovoltaica pode ser combinada com essas diferentes tecnologias. O Brasil tem um recurso solar excepcional, de norte a sul do País, então é possível aproveitar esse recurso onde quer que esteja localizada a outra fonte", explica.

AGRICULTURA Jaiane Josefa e a filha Ana Cecília de Sousa: participação no projeto *Bem-viver*, no semiárido, proporcionou fonte de renda e qualidade de vida

Além dos benefícios ambientais, o conceito representa uma oportunidade de transformação social. A Auren Energia, por exemplo, tem implementado projetos de acesso à água no sertão, incluindo poços artesianos e sistemas de captação de água da chuva. "A conservação da biodiversidade nas áreas próximas às unidades operacionais é um de nossos compromissos. Para isso, realizamos iniciativas para mapear, monitorar e controlar o impacto que o nosso negócio pode trazer ao meio ambiente, além de avaliar, oferecer suporte técnico e investir em oportunidades para alavancar os processos de restauração e conservação da biodiversidade", explica Henrique.

Essas iniciativas não apenas promovem práticas agrícolas sustentáveis, mas também proporcionam uma fonte de renda mais estável para as famílias e os produtores agrícolas locais. Maria Jucilene e Silvino Cardoso, moradores da região, acreditam que esses projetos tiveram impacto em suas vidas: "Hoje temos uma fonte de renda e a possibilidade de uma vida melhor". ■

As loucuras do sandinista

Em nova atitude impulsiva, Daniel Ortega, ex-esquerdista que se tornou autocrata e faz da Nicarágua seu parque de diversões, expulsa embaixador brasileiro e cria dor de cabeça para Lula na América Latina *Eduardo Marini*

Os regimes autocráticos da Nicarágua e Venezuela, liderados a punho de ferro por Daniel Ortega e Nicolás Maduro, possuem vários pontos em comum. O principal está ligado ao Brasil. Pouco rebeldes em outros tempos, ambos dão hoje trabalho e dor de cabeça ao presidente Lula e ao Itamaraty. Mas, na fome desmedida de manter o poder a qualquer custo, o sandinista Ortega parece ainda mais impulsivo e descontrolado do que o irmão camarada chavista Maduro. Após uma sequência de ações internas violentas, outras desafiadoras na seara internacional e sem aviso prévio ao Planalto, ele ordenou a expulsão diplomática do embaixador brasileiro Breno Dias da Costa.

METAMORFOSE Antes incensado pelas esquerdas, Ortega (à frente) rendeu-se a caprichos próprios de ditadores

A medida seria retaliação ao fato de o Brasil não ter enviado representantes à cerimônia de 45 anos da Revolução Sandinista, em julho. Mas o buraco é mais embaixo. Em 1979, a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), liderada, entre outros, pelo atual presidente, derrubou o ditador Anastasio Somoza, encerrando uma ditadura de extrema direita em vigor desde 1936. Na primeira fase do governo, entre 1979 e 1990, quando perdeu as eleições, o sandinista teve suporte da esquerda mundial e relacionamento estreito com Lula e o PT. Mas a partir do retorno ao poder, em 2007, apresentou-se como um autocrata irreconhecível para os que o apoiaram no início, até com certa dose de romantismo.

PERSEGUIÇÃO Igreja Católica era aliada de outrora. Agora, o sandinista manda prender bispos como Alvarez

TRANSFORMAÇÃO

Ortega reelegeu-se em 2011, 2016 e 2021, na terceira vez com rejeição de resultados, prisão e perseguição de opositores, repressões sociais, ataques ferozes a bispos e padres da outrora aliada Igreja Católica e a instituições políticas. A primeira-dama, a escritora e poeta Rosario Murillo, é também vice-presidente desde 2016. As últimas eleições foram ignoradas por 81,5% dos eleitores, segundo avaliações nacionais. “Embora eleitos, os últimos governos de Ortega são marcados por medidas autocráticas incompatíveis com a democracia”, resume o doutor em História Social e professor de Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC, Gilberto Maringoni. “O Brasil deve chegar ao ponto de romper, mas a Nicarágua precisa se colocar de maneira mais aberta no cenário internacional e restaurar a plenitude democrática. Mas não devem ser tomados como exceção no continente. Países na mão da extrema-direita são preocupantes”, radiografa.

FOTOS: JAIRO CAJINA/NICARAGUAN PRESIDENCY/AFP; VATICANO/DIVULGAÇÃO; @ITAMARATYGOVBR; EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO

> **O dado concreto é que Ortega não me atendeu. Não quis falar comigo**

Presidente Lula, após ligação em que tentaria convencer o sandinista a soltar religiosos a pedido do papa

A temperatura começou a subir em abril, após uma visita de Lula ao Vaticano. O presidente prometeu ao papa Francisco agir para convencer Ortega a tirar da prisão o bispo católico Rolando Alvarez e padres. Tentou cumprir a promessa, mas o nicaraguense se recusou a pegar o telefone do outro lado da linha. "O dado concreto é que Ortega não me atendeu. Não quis falar comigo", admitiu.

Contrariado, Lula determinou o congelamento, por um ano, das relações com Manágua. Ortega passou a esperar uma desculpa, ainda que pouco convincente, para desferir o contragolpe — e ela veio na ausência dos festejos de julho. A prova do caso pensado foi a retirada de Brasília da embaixadora nicaraguense, Fulvia Castro, na madrugada anterior ao anúncio da expulsão de Dias da Costa. Quando o governo anunciou a expulsão de Fulvia pelo princípio da reciprocidade, ela estava fora do País há bom tempo. Livre do constrangimento, Ortega mandou anunciar o prêmio da embaixadora: o ministério da Economia Popular.

"O congelamento, tecnicamente, possui efeito mais em encontros. Não afeta o comércio. Foi uma forma de sinalizar à Nicarágua e até à Venezuela que o Brasil deseja defender a democracia em termos amplos", explica Pedro Feliu, professor do Instituto de Relações Internacionais da USP. "A expulsão é passo mais grave, mas ainda não significa final das relações. Ortega toma atitudes enérgicas porque depende mais de Venezuela, Bolívia, Cuba e China do que do Brasil." Lula gostaria de resolver tudo no consenso mas, se a temperatura continuar a subir, poderá não restar, como próximo passo, nada além do rompimento definitivo. ■

SEM CONSTRANGIMENTO Embaixadora Fulvia deixou Brasília antes da expulsão do brasileiro

DESCULPA FAJUTA Expulsão de Dias da Costa teria sido resposta à ausência brasileira em festejo sandinista

PERSONAGEM

por Felipe Machado

O rei do frevo

MUSICAL
Capiba, Pelas Ruas eu Vou: sons e ritmos que representam a alma e o sonho do povo brasileiro

O compositor pernambucano Capiba inspira musical que ressalta a força da obra que combinou o popular e o erudito em mais de duzentas criações de sucesso

NO PALCO Ritmos brasileiros: 43 bailarinos e 18 músicos em cena na superprodução da Aria Social

Pouca gente conhece o nome de Lourenço da Fonseca Barbosa, mas basta lembrar do carinhoso apelido pelo qual ele ficou famoso, Capiba, para se deparar com uma coleção de mais de 200 composições de diversos estilos, repertório que o torna um dos mais completos criadores da música brasileira. O "rei do frevo", na verdade, foi bem mais que isso: escreveu sambas, cirandas, maracatus, choros, valsas. A maior prova dessa versatilidade é a *Missa Armorial*, obra erudita que uniu a tradição ao popular, combinando instrumentos de concerto e das ruas em um dos pontos altos do movimento criado por Ariano Suassuna.

A trajetória do artista serviu de inspiração para o musical *Capiba, Pelas Ruas eu Vou*, desenvolvido pela organização Aria Social. Com 43 bailarinos e 18 músicos no palco, reúne dança, música, teatro e fotografia. Após estrear em Recife, onde foi visto por quase 20 mil pessoas, o espetáculo passou pela capital e o interior de São Paulo — em breve novas datas e cidades serão anunciadas.

ESPERANÇA NO BRASIL

A Aria Social é uma organização sem fins lucrativos criada em 1991 pela bailarina Cecília Brennand, que também assina a direção geral do musical. Com sede em Jaboatão dos Guararapes, região metropolitana do Recife, o projeto com ênfase no empreendedorismo e na formação de bailarinos e cantores já impactou mais de dez mil crianças por meio de ações de arte-educação.

Cecília Brennand afirma que a iniciativa atende atualmente a mais de 500 alunos. "Sempre pensei em juntar a dança e o canto, e com esse projeto social pude colocar isso em prática", afirma ela. A bailarina ressalta a admiração pelo conterrâneo: "Capiba extrai das raízes da nossa gente os sons e ritmos que representam a alma e o sonho de um povo". Essa homenagem é a terceira turnê promovida pela organização, que já realizou um tributo a Heitor Villa-Lobos e o show *Lua Cambará*, com letra de Ronaldo Correia de Brito e música de Zoca Madureira, outro integrante do Movimento Armorial. O enredo, espécie de Medeia nordestina, conta a história de uma assombração que é fruto do relacionamento de uma escrava com um coronel. Diretor teatral de *Capiba, Pelas Ruas eu Vou*, Tuca Andrade se emocionou com a participação. "No momento em que o projeto entrou na minha vida, eu estava muito desacreditado em fazer arte e cultura em um País que trata isso como bens supérfluos", diz ele. "É uma injeção de ânimo ver jovens ensaiando com força e garra o espetáculo sobre esse patrimônio nacional que foi um dos maiores músicos brasileiros de todos os tempos. Me deu esperança no Brasil." ■

PIANISTA NOS TEMPOS DO CINEMA MUDO

Apaixonado por futebol, Capiba foi jogador do Campinense e compôs o hino do Santa Cruz

Nascido em 1904, no município de Surubim, em Pernambuco, Capiba logo se tornou uma figura icônica. Filho de maestro, tocava trompa e piano desde a infância — reza a lenda que aprendera a ler partituras antes mesmo de ser alfabetizado. Ainda criança, ganhava trocados para tocar piano nas salas de cinema, acompanhando as imagens dos filmes mudos. Sua segunda paixão foi o futebol: atuou como zagueiro do Campinense Clube e, fanático pelo Santa Cruz, compôs em 1948 o frevo O Mais Querido*, escolhido como hino da equipe. Seu primeiro sucesso foi a valsa* Maria Bethânia *— sem relação com a cantora —, gravada por Nelson Gonçalves, em 1945. Entre seus parceiros estão os poetas Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Morais e João Cabral de Melo Neto, além de Ariano Suassuna. Faleceu em 1997, mas sua obra continua viva nas festas populares e no imaginário cultural de todo o Brasil.*

POETAS Versos musicados: parcerias com Vinícius de Morais e Carlos Drummond de Andrade

FOTOS: ALICIA COHIM; RICARDO NASCIMENTO; REPRODUÇÃO

O lado B da TV

Responsável pela programação que revolucionou a televisão brasileira e deixou a Rede Globo anos-luz à frente da concorrência, o executivo José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, lança autobiografia em que homenageia antigos colegas de emissora

Felipe Machado

Uma das maiores conquistas da TV brasileira é o chamado "padrão Globo de qualidade", que há décadas norteia os caminhos da maior emissora do País e mantém suas produções em um nível alto até mesmo para as normas internacionais. O responsável por esse modelo tem nome e apelido: José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni. Considerado um dos criativos mais emblemáticos da história do audiovisual no País, o empresário de 88 anos lança a autobiografia *O Lado B de Boni*, em que trata dos bastidores de sua carreira e presta homenagem aos colegas na frente e atrás das câmeras.

A expressão "lado B" é uma referência aos discos de vinil, onde o segundo lado, o "B", costuma trazer as músicas menos conhecidas. É a mesma coisa aqui: o executivo já havia lançado uma autobiografia convencional em 2011, *O Livro do Boni*. Desta vez, optou por histórias menos conhecidas, destacando a importância dos parceiros que colecionou ao longo de mais de cinco décadas de carreira. Apesar de ter o nome associado à emissora carioca, Boni é paulista, da cidade de Osasco. Apaixonado por cinema, começou no rádio na década de 1950, antes de seguir como publicitário. Foi estagiário do dramaturgo Dias Gomes; pouco depois o contratou para estruturar o setor de novelas ao lado de Janete Clair. Foi uma jogada de mestre: após assinar uma nova versão de *A Ponte dos Suspiros* sob o pseudônimo Estela Calderón por perseguição da ditadura, Dias Gomes escreveu os sucessos *O Es-*

CRIATIVO Sair do rádio para a TV, passando pela publicidade, ajudou Boni a ter uma visão geral da comunicação. Do alto para baixo, alguns dos programas que criou: *Globo Repórter*, *Jornal Nacional*, *Fantástico*, *Os Trapalhões* e a novela *Roque Santeiro*

ELES MUDARAM A TV BRASILEIRA Os diretores Nilton Travesso, Cassiano Gabus Mendes, Daniel Filho e Walter Clark: respeito aos personagens que, segundo Boni, deixaram suas marcas na televisão ao longo dos anos

pigão, *Saramandaia*, *O Bem-Amado* e *Roque Santeiro*. Proibida em 1975, a novela foi regravada em 1985 após o fim do regime militar.

Entre as personalidades mais importantes do livro estão Walter Clark, que o convidou para assumir a programação da TV Globo, em 1967, aos 31 anos, após trabalharem juntos na TV Rio. A parceria durou dez anos, até que Clark se indispôs com o proprietário do canal, Roberto Marinho. "Prefiro perder a Globo a ficar com Walter", disse Marinho. Clark não perdoou: "você devia ter saído comigo", cobrou. Boni não saiu e os dois romperam a amizade.

PIONEIRISMO E FORÇA

O Lado B de Boni é um grande almanaque dos "causos" vividos por ele. As passagens por outras empresas, como as TVs Excelsior e Bandeirantes, o levaram a crer que seria mais rentável seguir o modelo dos EUA, com canais regionais integrados e transmitindo o mesmo conteúdo. Boni aplicou a ideia à Globo, assim como João Saad fez com a Bandeirantes.

Depois de citar Armando Nogueira, à frente do jornalismo por décadas, quem merece um dos mais longos capítulos é Daniel Filho. Além de elogios ao diretor, um dos responsáveis, segundo Boni, pela qualidade técnica das telenovelas brasileiras, ressalta o impressionante número de sucessos que ele assinou: de novelas como *Selva de Pedra* à *Rainha da Sucata*, passando por humorísticos (*Sai de Baixo*), musicais (*Chico & Caetano*) e séries (*Malu Mulher* e *Carga Pesada*, entre outras). Boni relata que os dois se entendiam com o olhar: uma reunião de uma hora com outro profissional durava menos de quinze minutos entre eles. Daniel é protagonista de um dos casos mais curiosos do livro: o diretor foi ameaçado pela mulher, Dorinha Duval, que o perseguiu pelos corredores da Globo segurando uma faca — Boni o escondeu em sua sala, mesmo sem acreditar que ela seria capaz de fazer mal a uma mosca. Anos depois, após Daniel e a esposa se separarem, veio a tragédia: Dorinha assassinara o novo marido a tiros.

Jornal Nacional, *Fantástico*, especiais de Roberto Carlos, *Globo de Ouro*, aberturas de Hans Donner, o *Globo Repórter*. É difícil lembrar de um marco televisivo que não tenha em seu DNA a assinatura de Boni. Participou da contratação de grandes nomes, de Renato Aragão a Xuxa, de Galvão Bueno a Faustão. No final do livro, confessa o ressentimento por ter saído após ser rebaixado a consultor: "Em 1998, após 31 anos de trabalho para construir a TV Globo, fui barrado no baile. Ou melhor: fui expulso da sala". Mas Boni tem a noção exata de sua importância. "Depois de 25 anos que deixei a empresa, quase todos os programas que criei ainda estão no ar. Músicas de abertura que encomendei ou aprovei continuam sem modificações. Até os nomes das sessões de cinema permaneceram. Não me incomodo. Me sinto valorizado." ■

ARTE: CLEBER MACHADO. FOTOS: REPRODUÇÃO

BULLYING
João Barone: manifesto em defesa dos bateristas

LIVROS

Contando o tempo e os casos

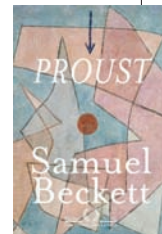
João Barone, baterista de Os Paralamas do Sucesso, revela os bastidores das mais de quatro décadas de carreira da banda

Depois de escrever três livros sobre o Brasil e a Segunda Guerra Mundial, João Barone conta a experiência como baterista de uma das bandas mais queridas do País. *1, 2, 3, 4! Contando o Tempo com Os Paralamas do Sucesso* é um relato divertido e emocionante narrado em primeira pessoa sobre suas quatro décadas de carreira. "O livro não tem a pretensão de ser uma biografia oficial dos Paralamas", afirmou o músico à **ISTOÉ**. "Mas é claro que quando conheci Bi Ribeiro e o Herbert Vianna abriu-se um novo episódio, fabuloso, na minha história. Conto as memórias de alguns dos muitos momentos que vivemos juntos, trajetória que começou de forma ingênua e logo se transformou num foguete." A capa e o projeto gráfico são de Renata Maneschy, Diretora de Arte de **ISTOÉ**. Barone fala do fascínio pela bateria e faz uma defesa dos colegas de profissão que, segundo ele, são vítimas de bullying por outros músicos. Lembra ainda episódios na trajetória da banda, como os ensaios na casa da Vovó Ondina, o show no primeiro Rock in Rio, em 1985, e as extensas turnês internacionais. Para os fãs é excelente: ele descreve bastidores das gravações e das amizades com outras bandas de sua geração, como a Legião Urbana e o Barão Vermelho. A narrativa vai até 2002, quando Herbert Vianna sofreu um acidente aéreo com um ultra-leve. Barone promete para breve a segunda parte do livro, de 2002 até os dias de hoje — bons casos não faltarão.

OS DESENHOS MUSICAIS DE NANDO REIS

Outro grande músico brasileiro que lança livro é o ex-Titã Nando Reis (foto). Dois anos depois de compor *Pré-Sal*, canção de abertura do seu disco solo *Sei*, o artista começou a ilustrar cada verso da longa letra em um pequeno caderno. O resultado é um livro bastante pessoal, com desenhos, colagens, fotos e anotações que remetem a sua infância e juventude. "É uma fricção de texturas à espera de decantação", define o autor.

PARA LER

No famoso ensaio publicado originalmente em 1930, o dramaturgo Samuel Beckett analisa a obra de **Marcel Proust**, autor de *Em Busca do Tempo Perdido*. O texto segue como guia para o livro, um dos maiores mitos da literatura modernista.

PARA VER

Estreia no MAX a aguardada série documental ***Bob Burnquist: A Lenda do Skate***. A produção em quatro episódios revela detalhes da vida e carreira do brasileiro que se tornou um dos maiores skatistas do mundo.

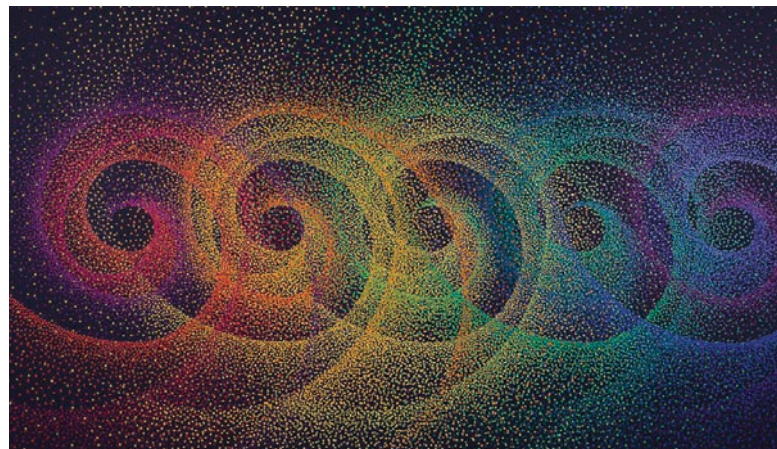
PARA OUVIR

O projeto **Rhythms Del Mundo** lança EP com versões latinas para hits mundiais. As gravações foram feitas por músicos cubanos e têm participação de nomes como Bono, Chris Martin e Sting. A renda será revertida para a ONG APE.

FOTOS: MÁRCIO FARIAS; DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO; HENRIQUE GRANDI

SHOW

Rock pesado em versão acústica

Banda brasileira com uma bem-sucedida carreira no exterior há mais de três décadas, o **Angra** volta aos palcos do País com uma versão bem mais leve de seu rock pesado. Em formato de superprodução, o show acústico acontece em 17/8 no Espaço Unimed, em São Paulo. Os músicos vão dividir o palco com uma orquestra e convidados especiais. "Nossa ideia é mostrar as músicas em sua essência, despidas dos estereótipos do heavy metal. Mesmo sem esses elementos, elas permanecem ricas e melódicas.

EXPOSIÇÃO

Mestre argentino da arte cinética

A Galeria Nara Roesler, em São Paulo, recebe a mostra ***Julio Le Parc: Couleurs***, com cerca de 50 obras recentes e inéditas do grande mestre da arte cinética. Há pinturas, desenhos, um móbile de grandes dimensões e estruturas luminosas. Ativo aos 96 anos, o artista argentino vive radicado em Paris desde os anos 1950. Entre as obras está um conjunto de treze pinturas da série *Alquimias* (foto), criações que, vistas de longe, parecem nuvens cromáticas que vibram, e de perto se percebem as mínimas partículas de cor presentes nas composições.

MUSICAL

Sucesso mundial em São Paulo

O espetáculo da Broadway vencedor de seis prêmios Tony, o Oscar do teatro, chega ao Teatro Liberdade, em São Paulo. O fenômeno ***Querido Evan Hansen*** conta a história de Evan, estudante que enfrenta um transtorno de ansiedade e se sente inferior em relação aos colegas, até que uma pequena mentira o coloca no centro das atenções, levando-o a experiências de autodescoberta. A concepção e direção é de Tadeu Aguiar, conhecido pelo bom trabalho à frente de *A Cor Púrpura* e *Beetlejuice — Os Fantasmas se Divertem*.

CINEMA

Homenagem a diretor no MIS

O Museu da Imagem e do Som (MIS), em São Paulo, inaugura a mostra ***O Cinema de Billy Wilder***, homenagem a um dos maiores cineastas de todos os tempos. A exposição conta com cartazes, fotografias de bastidores, objetos de cena, figurinos originais usados nas gravações e depoimentos em vídeo de pessoas que conviveram com o diretor. Haverá sessões com a exibição de seus principais trabalhos e a recriação de ambientes de suas obras mais conhecidas, entre elas *O Crepúsculo dos Deuses (foto)* e *Quanto Mais Quente Melhor*.